



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA

MILENA MAGALHÃES GOMES

**PROCESSAMENTO DO PRONOME ÁTONO “LHE” EM PORTUGUÊS BRASILEIRO:
COMPARANDO DADOS DA PARAÍBA E DO RIO DE JANEIRO**

JOÃO PESSOA-PB
JULHO / 2025

MILENA MAGALHÃES GOMES

**PROCESSAMENTO DO PRONOME ÁTONO “LHE” EM PORTUGUÊS BRASILEIRO:
COMPARANDO DADOS DA PARAÍBA E DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Rosana Costa de Oliveira.

JOÃO PESSOA-PB

JULHO / 2025

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

G633p Gomes, Milena Magalhães.

Processamento do pronome átono "lhe" em português brasileiro : comparando dados da Paraíba e do Rio de Janeiro / Milena Magalhães Gomes. - João Pessoa, 2025.
80 f. : il.

Orientação: Rosana Costa de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Pronomes. 2. Pronome lhe. 3. Processamento linguístico. 4. Variação diatópica. I. Oliveira, Rosana Costa de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'367.626(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
MILENA MAGALHÃES GOMES

Aos dezessete dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco (17/07/2025), às catorze horas, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada **“Processamento do pronome átono “lhe” em português brasileiro: comparando dados da Paraíba e do Rio de Janeiro”**, apresentada pelo(a) mestrando(a) **MILENA MAGALHÃES GOMES**, Licenciado(a) em Letras pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de **MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Rosana Costa de Oliveira (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Gitanna Brito Bezerra (Examinadora/UPE) e José Ferrari Neto (Examinador/PROLING-UFPB). Dando inicio aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Rosana Costa de Oliveira convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(a) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito **APROVADA**. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Rosana Costa de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 17 de julho de 2025.

Observações

Documento assinado digitalmente
gov.br
ROSANA COSTA DE OLIVEIRA
Data: 21/07/2025 17:06:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Rosana Costa de Oliveira
(Presidente da Banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOSE FERRARI NETO
Data: 21/07/2025 17:15:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a).Dr(a). Gitanna Brito Bezerra
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). José Ferrari Neto
(Examinador)

Aos meus pais,
José Gomes e Marluce.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Rosana, por me ajudar a trilhar esse caminho desde a graduação. Muito obrigada por acreditar em mim, por ter me aceitado como sua orientanda, por sentar ao meu lado, com muita paciência, e realizar incansáveis leituras e, principalmente, pela leveza com que conduziu todo esse processo.

Ao professor José Ferrari, que se dispôs a realizar comigo todas as análises estatísticas deste trabalho, agradeço pelo auxílio e pelos apontamentos feitos durante a pesquisa.

À professora Gitanna Bezerra, pela leitura atenta e pelos comentários fundamentais feitos neste trabalho.

Ao professor Márcio Leitão, que, muito além dos ensinamentos compartilhados, nos acolhe no LAPROL com tanto entusiasmo. Obrigada, professor, pela generosidade e dedicação com que coordena esse grupo.

À querida professora Ana Cláudia Souza, por se empenhar ativamente em fazer os contatos necessários para que o experimento chegassem até os participantes do Rio de Janeiro.

Ao professor Denilson Matos, pela importante contribuição ao enviar o experimento para outros professores no Rio de Janeiro.

À professora Mikaela Roberto, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por nos ajudar compartilhando o experimento com os seus alunos.

Aos participantes do experimento, da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Ao órgão financiador, CAPES, pela bolsa concedida.

Aos queridos colegas do LAPROL, pelo apoio, pelas ideias compartilhadas ao longo desses estudos, pelas inesquecíveis viagens aos congressos de Linguística e pelas valiosas amizades que ganhei.

À amiga Jullyane Ferreira, por ter me incentivado a participar da seleção deste mestrado, em um momento em que eu não acreditava que conseguia.

À amiga Nathália Soares, por me auxiliar no envio do projeto para o Comitê de Ética.

À amiga Tatiana, pela inspiração que é enquanto pesquisadora, pela parceria nos estudos e pelas longas conversas partilhadas.

À minha querida cunhada Luiza Nicolau e aos seus alunos do IFPB, por ajudarem a completar a lista de participantes paraibanos do experimento.

Ao Flávio, pela paciência e disponibilidade em me ajudar na programação do experimento.

Aos meus pais e familiares, que, com muito amor e dedicação, tornaram esse projeto possível.

E, finalmente, ao meu melhor amigo, Jesus, o mestre do amor.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a influência do fator diatópico no processamento do pronome oblíquo *lhe* em duas diferentes comunidades de fala do Português Brasileiro – PB: Paraíba e Rio de Janeiro. A pesquisa parte da ótica da Psicolinguística Experimental, mas também considera a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, a fim de apontar potenciais diferenças de usos do pronome entre as duas regiões em estudo, analisando suas variações nos níveis gramatical e discursivo, com vistas a investigar a dimensão cognitiva da variação. Essa análise tem respaldo no processo de reinterpretação do clítico *lhe*, verificado em diversos contextos de falares do PB, com ênfase na região Nordeste do país, onde se observa uma difusão do seu uso fora dos padrões previstos nos compêndios gramaticais (Almeida, 2009; Oliveira, 2020a). Metodologicamente, o trabalho consiste em uma pesquisa quantitativa e experimental, por meio da realização de um experimento de leitura automonitorada (Self-Paced Reading), a fim de verificar o custo de processamento do pronome *lhe* como 2^a pessoa do singular (2SG), e como 3^a pessoa do singular (3SG), nas formas dativa e acusativa, por falantes do Rio de Janeiro em comparação com falantes da Paraíba. Nesse sentido, foram levantadas as seguintes hipóteses: a) forma pronominal *lhe* apresenta uma variação dialetal entre falantes do Rio de Janeiro e da Paraíba; b) a função referencial do pronome *lhe* é processada de forma semelhante nas duas comunidades de fala; c) o pronome *lhe* é processado de forma distinta, no nível sintático, entre falantes dos dois estados analisados; d) fatores de natureza sociolinguística podem influenciar o processamento das estruturas linguísticas analisadas. Os resultados mostraram que fatores de natureza sociolinguística podem influenciar o processamento das estruturas linguísticas. A interação entre os fatores *traço discursivo, função do pronome e estado de origem do participante* resultou em uma diferença significativa nos padrões de processamento entre os participantes. Além disso, quando analisado isoladamente o fator *estado de origem do participante*, foi possível verificar que o clítico apresenta menor custo de processamento entre os falantes da Paraíba em comparação com os falantes do Rio de Janeiro, o que confirma a hipótese da variação dialetal entre as duas comunidades de fala.

Palavras chave: Pronome *lhe*; processamento linguístico; variação diatópica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the influence of the diatopic factor on the processing of the pronoun *lhe* in two different speech communities of Brazilian Portuguese (BP): Paraíba and Rio de Janeiro. The research is grounded in the framework of Experimental Psycholinguistics while also drawing on the perspective of Variationist Sociolinguistics, in order to identify potential regional differences in the use of *lhe* between the two regions under study. It examines variations at both the grammatical and discourse levels with the goal of investigating the cognitive dimension of linguistic variation. This analysis is supported by evidence of an ongoing reinterpretation of the clitic *lhe*, observed in several BP speech communities, with particular emphasis on the Northeast region of Brazil, where its use extends beyond the patterns prescribed by traditional grammar compendia (Almeida, 2009; Oliveira, 2020a). Methodologically, this work consists of a quantitative and experimental study through the implementation of a Self-Paced Reading experiment. The goal is to assess the processing cost of the pronoun *lhe* when used to refer to the second person singular (2SG) and third person singular (3SG), in both dative and accusative contexts, by speakers from Rio de Janeiro in comparison to speakers from Paraíba. The following hypotheses were proposed: a) the pronominal form *lhe* exhibits dialectal variation between speakers from Rio de Janeiro and Paraíba; b) the referential function of the pronoun *lhe* is processed similarly in both speech communities; c) the pronoun *lhe* is processed differently at the syntactic level between speakers from the two regions; d) sociolinguistic factors may influence the processing of the linguistic structures under analysis. The results showed that sociolinguistic factors can influence the processing of linguistic structures. The interaction between the factors *discourses feature*, *pronoun function*, and *participant's state of origin* resulted in significant differences in processing patterns among participants. Furthermore, when analyzing the participant's state of origin factor in isolation, it was possible to verify that clitics have a lower processing cost among speakers from Paraíba compared to speakers from Rio de Janeiro, confirming the hypothesis of dialectal variation between both speech communities.

Keywords: Pronoun *lhe*; language processing; diatopic variation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O QUE É O PRONOME “LHE”?.....	13
2.1 Nas gramáticas normativas.....	17
2.2 Nas gramáticas descritivas.....	21
3 A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA.....	24
3.1 Estudos sobre pronome “lhe” e variação dialetal	27
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERFACE ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA E PROCESSAMENTO...31	31
5 PROCESSAMENTO E VARIAÇÃO	34
5.1 O processamento linguístico do pronome “lhe”	34
5.2 A influência da variação dialetal no processamento linguístico.....	40
6 METODOLOGIA EXPERIMENTAL	46
6.1 Variáveis e condições experimentais.....	46
6.2 Participantes	48
6.3 Material.....	48
6.4 Procedimentos	48
6.5 Hipóteses e Resultados esperados	49
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	51
8 CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE A – CONJUNTO EXPERIMENTAL.....	69
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	73
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	76

1 INTRODUÇÃO

O sistema pronominal do Português Brasileiro (PB) sofreu, ao longo dos séculos, um processo de complexas mudanças linguísticas no uso de alguns pronomes. Esse é o caso do pronome átono *lhe*, o qual parece apresentar variação tanto no nível gramatical quanto no nível discursivo. Neste trabalho, objetivamos analisar a influência do fator regional (diatópico) no processamento do pronome *lhe* entre duas diferentes comunidades de fala do PB: Paraíba e Rio de Janeiro. Para isso, propomos a realização de um experimento de leitura automonitorada com falantes naturais dos dois estados.

No PB, é comum que o uso efetivo de determinadas estruturas gramaticais contrarie o que é prescrito pela norma-padrão. Com relação aos pronomes oblíquos átonos, as gramáticas normativas estabelecem uma distinção formal para os pronomes de terceira pessoa, conforme a função sintática que eles desempenham na oração: atribuem ao pronome *lhe* a função dativa, ou seja, de objeto indireto, de terceira pessoa, distinguindo-o dos pronomes *o/a*, que exercem função acusativa, isto é, de objeto direto, também de terceira pessoa (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2017; Lima, 2011). Tal distinção pode ser ilustrada pelos exemplos a seguir:

- (1) O professor *lhe* entregou um livro.
- (2) O professor *o* chamou na sala.

No exemplo (1), o verbo “entregar” é classificado como verbo transitivo direto e indireto. O objeto direto é representado pelo sintagma nominal “um livro” (aquilo que foi entregue), enquanto o objeto indireto – *lhe* – refere-se ao destinatário da ação (a quem o livro foi entregue). A regência verbal exige, nesse caso, a preposição “*a*”, para o objeto indireto, que está subentendida na forma pronominal *lhe*. No exemplo (2), o pronome “*o*” exerce a função de objeto direto do verbo “chamar”, que se classifica como verbo transitivo direto. Nesse caso, o pronome retoma um referente, que sofre diretamente a ação verbal (aquele que foi chamado), sem a intermediação de preposição.

Nesta pesquisa, analisamos aspectos de uso e processamento do pronome *lhe*, quando apresentado em dissonância com a norma-padrão. Com esse intuito, estudamos a forma pronominal a partir da interface entre a Psicolinguística Experimental e a Sociolinguística Variacionista (Beline, 2020; Cezario; Votre, 2020; Freitag; Soto, 2023; Labov, 1966; Leitão, 2020; Marcilese, 2019, 2022).

No âmbito da Psicolinguística, Marcilese (2022) explica que essa ciência visa

compreender os processos mentais subjacentes à aquisição, à produção e à compreensão da linguagem, considerando tanto os sistemas de memória quanto as exigências específicas das diferentes tarefas linguísticas. Nesse campo, o processamento é entendido como uma operação temporal que depende da manutenção de representações linguísticas na memória, seja para análise interpretativa, durante a compreensão, seja para formulação enunciativa, na produção. Entre seus objetivos centrais, estão a investigação do curso temporal do processamento e a identificação dos subprocessos cognitivos envolvidos em cada uma de suas etapas.

A Psicolinguística Experimental, portanto, fornece hipóteses voltadas a descrever e analisar como os falantes compreendem e produzem a linguagem do ponto de vista do processamento linguístico, fazendo uso de uma série de procedimentos metodológicos adequados ao tipo de fenômeno ou de objeto linguístico investigado (Leitão, 2020).

No que tange à Sociolinguística Variacionista, Beline (2020) a conceitua como a parte da Sociolinguística que procura desvendar de que forma a heterogeneidade (ou seja, a variação) se organiza. O autor traz dois conceitos importantes que comportam a variação linguística: as variantes, que são diferentes formas linguísticas que, paralelamente, veiculam um mesmo sentido na língua; e a variável linguística, que é um conjunto de duas ou mais variantes.

Dessa forma, a variação dialetal ganha destaque neste trabalho, representando a especificidade dos falares nordestinos, em contraste com outros modos de falar do país. Partindo dessa perspectiva, verificamos que é comum o emprego do pronome *lhe* na forma acusativa, na variação dialetal de estados do Nordeste do Brasil (Almeida, 2009; Oliveira, 2020a; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023).

Pesquisas apontam que, no PB, há uma tendência, no nível discursivo, de o pronome *lhe* migrar da 3^a pessoa do singular (3SG) para a 2^a pessoa do singular (2SG). Essa mudança tem sido amplamente observada em diferentes regiões do país (Oliveira, 2020b; Bagno, 2020; Rodrigues, 2007; Rodrigues 2018). Já no nível gramatical, discute-se que a função do pronome *lhe*, tradicionalmente de objeto indireto estaria sendo ampliada, ou até modificada, para a função de objeto direto. Para alguns teóricos, esse padrão de uso do pronome *lhe* é verificado, com bastante frequência, na variante do PB usada na região Nordeste do Brasil (Almeida, 2009; Nascimento, 2010; Oliveira, 2020a; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023).

Para exemplificar esse fenômeno, destacamos um trecho de falas espontâneas utilizadas por entrevistados da cidade de Salvador, que foram extraídas do *corpus* levantado no trabalho de Almeida (2009):

- (3) “Procurei **você** pelo Iguatemi o tempo todo e não, não **lhe** vi em lugar nenhum.”

(Almeida, 2009, p. 136, grifos da autora).

- (4) “– Eu não fiz nada, mas mesmo assim me acusaram? Do que será que me acusaram?
 – **Lhe** acusaram de largar seu filho chorando.” (Almeida, 2009, p. 97, grifos da autora).

Nos exemplos (3) e (4), é possível perceber que o pronome *lhe* está fazendo referência à 2SG, e, ainda, ocupando a função de objeto direto, o que vai de encontro à definição prevista nas gramáticas normativas da Língua Portuguesa em geral (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2017; Lima, 2011).

Sob a ótica da Psicolinguística Experimental, alguns estudos buscam verificar se apenas fatores sintáticos influenciam o processamento linguístico ou se ele sofre influência também de padrões sociolinguísticos internalizados pelo falante (Marcilese 2022; Freitag e Soto, 2023).

As observações sobre a variação no uso do pronome *lhe*, apontadas neste estudo, levantam um questionamento relevante: quais seriam as influências que a variação dialetal exerce sobre o processamento das estruturas linguísticas?

Sobre o tema, Freitag e Soto (2023 p. 1) explicam que “o processamento da variação linguística é um campo de interface que envolve a Sociolinguística, a Psicolinguística e as ciências neurocognitivas”. Dessa forma, partimos do entendimento de que o conhecimento linguístico não se limita à experiência linguística do falante – como sua exposição a diferentes variantes ou contextos de uso –, mas envolve também os aspectos cognitivos relacionados à representação mental dessas variantes e ao processamento da linguagem. Nesse sentido, tomamos como referência a proposta de Marcilese (2022, p. 147), que discute “a dimensão cognitiva do conhecimento linguístico, bem como seus possíveis efeitos no processamento”.

Se, por um lado, a análise do fenômeno linguístico, em diferentes comunidades de fala, permite compreender como a variação diatópica se manifesta no uso espontâneo da língua, por outro lado, a ótica da Psicolinguística possibilita investigar a contraparte cognitiva da variação, analisando como as representações mentais da linguagem são moldadas pela experiência sociolinguística.

Na presente pesquisa, consideramos os estados da Paraíba e do Rio de Janeiro para a realização do experimento. A escolha dessas comunidades de fala foi motivada, em primeiro lugar, pela verificação da existência de variação dialetal entre o português falado no Nordeste e no Sudeste do Brasil, fenômeno amplamente discutido em estudos anteriores (Almeida, 2009; Oliveira, 2020a; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023). Em segundo lugar, a seleção dos estados foi favorecida pela interação preexistente entre o Laboratório de Processamento Linguístico

(LAPROL), vinculado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e o Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o que possibilitou o desenvolvimento colaborativo do experimento.

Metodologicamente, o trabalho consiste em uma pesquisa quantitativa e experimental por meio da realização de um experimento de leitura automonitorada, a fim de verificar o custo de processamento do pronome *lhe* de 2SG e 3SG, nas funções dativa e acusativa, por falantes do Rio de Janeiro em comparação com falantes da Paraíba. O experimento foi realizado por meio da plataforma PCIbes (PennController for IBEX) (Zehr; Schwarz, 2018), e a análise estatística dos dados foi conduzida com o auxílio dos programas de software Excel e Jamovi.

Dessa forma, são os objetivos específicos deste trabalho: a) analisar o uso do pronome *lhe* sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, com ênfase nos fatores que atuam na variação diatópica e seus possíveis reflexos no processamento linguístico; b) verificar se o valor referencial atribuído ao pronome *lhe* (2SG ou 3SG) pode influenciar o seu processamento; c) analisar se o tipo de verbo que rege o pronome *lhe* (transitivo direto ou indireto) influencia o processamento da estrutura; d) comparar o processamento do pronome *lhe* entre falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro, observando possíveis diferenças de sensibilidade ao referente de 2SG ou de 3SG e à função sintática (objeto direto ou objeto indireto) do pronome.

O diálogo entre a Psicolinguística Experimental e a Sociolinguística é essencial neste trabalho, na medida em que investigamos possíveis efeitos da variação linguística no processamento, incorporando fatores de variação diatópica no delineamento experimental, a fim de compreender em que medida o uso real da língua pelos falantes influencia o processamento linguístico de formas não canônicas.

Com base nas investigações iniciais, formulamos as seguintes hipóteses: a) a forma pronominal *lhe* apresenta uma variação dialetal entre falantes do Rio de Janeiro e da Paraíba; b) a função referencial do pronome *lhe* é processada de forma semelhante nas duas comunidades de fala; c) o pronome *lhe* é processado de forma distinta, no nível sintático, entre falantes dos dois estados analisados; d) fatores de natureza sociolinguística podem influenciar o processamento das estruturas linguísticas analisadas.

Ao final da pesquisa, esperamos contribuir para os estudos da interface entre a Psicolinguística e a Sociolinguística, fornecendo evidências empíricas sobre a dimensão cognitiva da variação linguística. Além disso, buscamos oferecer dados estatísticos que ajudem a responder às questões levantadas ao longo do trabalho, ampliando o arcabouço teórico sobre o processamento de pronomes clíticos em contextos de variação dialetal no PB.

Dividimos este trabalho em oito capítulos, incluindo esta introdução. No segundo

capítulo, procuramos conceituar o pronome clítico *lhe*, e tecemos um panorama sobre a sua abordagem nas gramáticas normativas e descritivas, considerando o seu uso nos níveis gramatical e discursivo. O capítulo 3 aborda a perspectiva da Sociolinguística a partir de estudos sobre a variação dialetal do pronome *lhe*, especialmente da região Nordeste.

No capítulo 4, tratamos dos aspectos fundamentais sobre a interface entre Sociolinguística e Processamento, com base em autores como Marcilese (2019; 2022) e Freitag e Soto (2023). O capítulo 5, intitulado “Processamento e Variação”, traz o estado da arte das pesquisas em processamento linguístico sobre o pronome *lhe*, e das pesquisas sobre os pronomes clíticos na interface entre a Psicolinguística Experimental e a Sociolinguística Variacionista.

No sexto capítulo, contemplamos a metodologia experimental do trabalho. No capítulo 7, expomos os dados empíricos coletados a partir do experimento realizado no presente trabalho, e passamos à análise dos resultados. E, por fim, no capítulo 8, descrevemos as conclusões finais do trabalho, contribuições e possíveis desdobramentos.

2 O QUE É O PRONOME “LHE”?

Considerando as funções do pronome *lhe* estudadas nos livros didáticos e nas gramáticas do PB, é possível observar que ainda existem algumas lacunas a respeito da sua aplicação. Em muitos casos, a necessidade de atribuir uma nomenclatura para cada função sintática do pronome acaba resultando em discordâncias entre os autores, e, quase sempre, em conceitos que contradizem as próprias definições gramaticais.

Nas gramáticas em geral, o pronome *lhe* está elencado no quadro dos pronomes pessoais oblíquos átonos (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2017; Lima, 2011). Conforme explica Lima (2011, p 157), “os pronomes objetivos ou oblíquos possuem formas átonas e tônicas: as primeiras são partículas inacentuadas, que se colocam antes ou depois do verbo, como se fossem uma sílaba a mais desse verbo; as segundas vêm sempre regidas de preposição.” Em outras palavras, os pronomes oblíquos átonos são termos que não têm acentuação própria, ou seja, que dependem fonologicamente de outra palavra. Por isso, os pronomes átonos precisam acompanhar um verbo, e funcionam como uma sílaba acrescida a esse verbo, como por exemplo em “*dei-lhe* um presente”. Além do pronome *lhe*, são outras formas oblíquas átonas os pronomes: *me, te, se, o/a*.

De acordo com Nascimento (2010), tradicionalmente, usa-se a terminologia de “clíticos” para se referir aos pronomes átonos. A autora explica que os clíticos são considerados “vocábulos sem autonomia fonética que sempre se adjungem a uma forma livre, seja numa posição fixa ou numa posição variável, podendo aparecer antes ou depois dos verbos a que se referem” (Nascimento, 2010, p. 68).

Portanto, a ausência de acento no clítico faz com que ele dependa necessariamente de uma palavra adjacente acentuada. Essa palavra à qual o clítico se liga chama-se “palavra hospedeira” ou “hospedeiro do clítico” (Martins, 2013, p. 21). Por essa razão, o pronome *lhe* sempre aparecerá ao lado de um verbo, ainda que este seja um verbo de ligação, ressalvadas algumas situações excepcionais, em que ocorre a interposição de um constituinte entre o clítico e o verbo como, por exemplo, em: “*O que ele lhe não terá dito!* [interposição de não]” (Martins, 2013, p. 23, grifo da autora).

Uma análise sobre o aspecto diacrônico, ou seja, a passagem da língua pelo tempo, pode trazer alguns pontos importantes sobre a forma como se apresentam os pronomes átonas no PB. A língua portuguesa como conhecemos hoje é originária do latim, mais precisamente do latim vulgar, língua que se espalhou com facilidade por grande parte da Europa, por se tornar a língua oficial do antigo Império Romano. Dessa forma, o português integra o conjunto de línguas

românicas, ou neolatinas, que sofreram influência do latim (Vilas Boas; Hunhoff, 2017).

Segundo Rodrigues (2018, p. 30), “no que concerne à morfologia e à sintaxe, a passagem do latim aos falares românicos traz a simplificação do sistema de casos.” Conforme elucida a autora, esse sistema de casos era uma forma de organização da língua que, originalmente, apresentava seis casos, assim relacionados:

Nominativo, com função sintática de sujeito e de predicativo; *vocativo*, com a função de chamamento; *acusativo*, com a função de objeto direto; *genitivo*, com a função de adjunto restritivo (ou adjetivo); *dativo*, com a função de objeto indireto e *ablativo* com a função de adjunto circunstancial (ou adverbial) (Rodrigues, 2018, p. 30).

O pronome oblíquo moderno *lhe*, de acordo com Coutinho (1978 *apud* Pinho, 2012), formou-se a partir do caso dativo, para a forma arcaica (*li*), até a forma do português atual: *illi* (*dativo*) > *eli* > *li* (*arcaico*) > *lhi*, *lhe*. É importante observar que, por representar o caso dativo, o *lhe* pressupõe a presença de uma preposição implícita. O autor destaca que ainda é comum se ouvir no português europeu a pronuncia “li”, e que, também no Brasil, há casos em que o pronome *lhe* pode ser ouvido como a variante arcaica “li”, como em “*eu li dei um livro*”.

Essa evolução da forma arcaica para o português atual ocorre devido ao processo de palatalização da letra “l”, que deixa de ter articulação alveolar para ser palatal. O mesmo efeito pode ser observado, em alguns contextos fonéticos, por exemplo, nas palavras “família / sandália”, em que a letra “l” é sucedida por uma semivogal e forma um ditongo com a vogal seguinte, passando a se pronunciar “família” / “sandália” (Oliveira; Lima; Razky, 2016).

No tocante às funções sintáticas do pronome *lhe*, Almeida (2009) esclarece que, no paradigma de primeira e segunda pessoa os itens pronominais *me*, *te*, *nos*, *vos* podem representar tanto o objeto direto quanto o objeto indireto. Na terceira pessoa, no entanto, o mesmo sincretismo não se verifica, ao menos na ótica dos estudos tradicionais. Ou seja, há formas exclusivas para cada uma dessas funções: *o/a/os/as* representam o objeto direto, enquanto *lhe/lhes* representam o objeto indireto.

Investigando como os compêndios gramaticais abordam a conceituação e a classificação do pronome *lhe*, Matos (2003), analisou o seu tratamento em diferentes livros didáticos, gramáticas pedagógicas (de ensino fundamental e médio) e gramáticas tradicionais. Nas obras relacionadas pelo autor, o pronome *lhe* aparece em dois estágios distintos: morfológico, enquanto pronome oblíquo átono; e sintático. Dentre as funções sintáticas do pronome, Matos (2003) identificou que há divergências nas categorias designadas para o pronome, entre os livros estudados, podendo ser encontrado como objeto indireto, ou complemento nominal ou,

ainda, como adjunto adnominal.

Apesar de as gramáticas normativas em geral considerarem o *lhe* apenas como um objeto indireto (Lima, 2011; Cunha; Cintra, 2017), há uma discussão a respeito do seu uso fora da prescrição normativa (Almeida, 2009; Nascimento, 2010). Nesse sentido, Matos (2003, p. 43-44), expõe que “existe um conjunto de regras propostas pela norma culta que controlam e determinam o que é correto ou não. Porém, por vezes, o uso, a necessidade, são capazes de sobrepujar tais regras.” Assim, o autor considera adequado o uso do pronome *lhe* como objeto direto, uma vez que a sua função decisiva deva ser de complemento, e, na função de objeto direto, não perderia a sua essência de complemento.

Além disso, Matos (2003) destaca que, assim como o verbo, o nome também pode ter transitividade, e, por isso, exigir um complemento nominal. Sendo a função do pronome *lhe* de complemento, o termo pode também desempenhar a função de complemento nominal (geralmente relacionada a um adjetivo), porque nesse caso, ele continuaria realizando o seu papel essencial de complemento, como no exemplo: “*Não posso ser-lhe fiel*” (Matos, 2003, p. 81). Ressalta-se que, mesmo nesses casos em que funciona como complemento nominal, o clítico *lhe* aparece ao lado do verbo, por ser ele a palavra hospedeira do clítico, conforme explicitado anteriormente.

Sobre o tema, em um estudo acerca da sintaxe do clítico *lhe*, Nascimento (2010) analisou cartas pessoais produzidas por falantes nativos da cidade de Maceió - AL, pertencentes ao banco de dados do Projeto Língua Usada em Alagoas (LUAL). Os autores das cartas eram jovens escolarizados, do ensino fundamental e médio. Destacamos os seguintes exemplos extraídos do *corpus* em que o *lhe* aparece como objeto direto nas orações:

- (5) “*Foi um prazer saber que iria lhes (acusativo) ver.*
- (6) *De seu amigo que lhe (acusativo) adora muito.*
- (7) *Mas sempre vou lhe (acusativo) amar.*” (Nascimento, 2010, p. 66, adaptado).

A autora observa que o pronome *lhe*, que originalmente era usado apenas como dativo (objeto indireto) de 3SG, está sendo empregado na função de acusativo (objeto direto) de 2SG. Ela ressalta que esse emprego do clítico realizando as duas funções (objeto indireto e objeto direto) vem se especificando no PB (Nascimento, 2010, p. 66).

O uso do pronome *lhe*, no contexto discursivo, para designar a 3SG e a 2SG também é discutido por pesquisadores, como Almeida (2009); Bagno (2020); Freire (2005); Lima (2011); Marroquim, (1934); Nascimento (2010); Oliveira (2020a); Rodrigues (2007); Siqueira; Sousa;

Rodrigues (2023).

Tradicionalmente, o pronome *lhe* figura no quadro dos pronomes oblíquos átonos de 3SG, juntamente com as formas: *o*, *a*, *se*. Porém, também existem situações em que podemos verificar o seu uso na função discursiva de 2SG. Isso pode ser observado nas falas do cotidiano, em situações naturalísticas. Embora seja um uso comum no PB, observamos que são poucas as gramáticas que trazem essa previsão (Lima, 2011; Bagnو, 2020).

Marroquim (1934) já levantava a hipótese de que os pronomes *lhe* e *o/a* indicavam igualmente 2SG e 3SG, como nos exemplos abaixo:

- (8) “*Dei-lhe um livro. Antonio? vi-o ontem. (3^a pessoa)*” (Marroquim, 1934).
- (9) “*Meu caro, venho pedir-lhe um favor. Eu, o vi hoje saindo do cinema. (2^a pessoa - você)*” (Marroquim, 1934).

Em uma pesquisa, sobre as variantes *te* e *lhe* no PB, Oliveira (2020a) discute que, historicamente, a gramaticalização e difusão do termo *você*, no sistema de tratamento do PB, criou a possibilidade de que certas formas pronominais de 3SG – como o pronome *lhe* – passassem a atuar na referência à 2SG.

De acordo com Almeida (2009, p. 59, grifos da autora), “a gramática tradicional, embora não inclua *lhe* no paradigma de segunda pessoa, prevê seu uso como clítico dativo de *você*”. A autora entende que, nessas orações em que o termo *você* é utilizado, a perda da marcação de segunda pessoa que ocorre com o verbo repercute nos clíticos, que passam a alternar também entre a segunda e a terceira pessoas.

Nessa perspectiva, Almeida (2009) considera que o emprego do clítico *lhe* na referência à 2SG sinaliza processos de mudanças linguísticas que alimentam a discussão a respeito da reestruturação do paradigma pronominal do PB, a fim de adequar o seu delineamento teórico ao efetivo uso da língua.

De forma semelhante, Freire (2005, p. 2) entende que o *lhe* “estaria deixando de ser uma forma tanto de terceira quanto de segunda pessoa para figurar exclusivamente na referência à segunda pessoa, seja na função dativa, seja na acusativa”. Entretanto, esse não é um consenso entre os linguistas. Na opinião de Almeida (2009, p. 59, grifo do autor), “é indiscutível que o *lhe* venha passando por um processo de especialização, mas é temerário que seja em direção ‘exclusivamente’ à segunda pessoa”.

É importante mencionar que há alguns autores que defendem haver um desuso dos pronomes clíticos de uma maneira geral no PB (Tarallo, 1996; Cyrino, 1994; Kato; Raposo,

2005; Nunes, 2015). Sobre o tema, Nascimento (2010, p.17, grifos da autora) entende que há um processo de enfraquecimento dos clíticos de 3^a pessoa (o, a, os, as), e a concomitante “perda da distinção de segundas e terceiras pessoas do pronome **Ihe**”. Segundo a autora:

[...] verificamos que no PB o emprego das formas **o(s) / a(s)** e **Ihe(s)** não correspondem ao que tem sido sistematizado pela gramática tradicional. O que se observa são características inovadoras no PB, sobressaindo o desaparecimento dos pronomes **o/a** na função de objeto direto e **Ihe** na função de objeto indireto, referindo-se à terceira pessoa. Surgindo, assim, a generalização do emprego do pronome dativo **Ihe**, associado à função de acusativo, fazendo referência a 2^a pessoa, com verbos transitivos diretos [...]” (Nascimento, 2010, p. 58, grifos da autora).

Outros autores defendem, ao invés de um desuso dos clíticos, haver, sim, um processo de aquisição tardia dessas formas pronominais. Em recente pesquisa, Oliveira (2023) analisou se os falantes do português consideram os clíticos em suas diferentes colocações – ênclise ou próclise – como ainda pertencentes ao PB. No estudo, o autor realizou um experimento de julgamento de aceitabilidade, com indivíduos de alta escolaridade (nível médio e pós-graduação), e constatou uma aceitabilidade parecida para os pronomes clíticos e para os pronomes retos, concluindo que os clíticos em geral seriam adquiridos tarde, via escolaridade, e ainda, que experiências naturalísticas ou controladas são fatores capazes de moldar o conhecimento linguístico dos falantes, pelo processo da “adaptação sintática” (Oliveira, 2023).

A fim de aprofundar a discussão sobre as funções sintática e discursiva do pronome *Ihe*, trazemos nas próximas seções o estudo do pronome sob à ótica das gramáticas normativas e das gramáticas descritivas do PB.

2.1 Nas gramáticas normativas

As gramáticas normativas, também chamadas de tradicionais, são conceituadas por Posseti (1996, p. 64) como aquelas que “apresentam um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e /ou oral)”. São utilizadas na maioria dos livros didáticos e gramáticas adotadas nas escolas, e fazem uso de um modelo teórico que visa representar a norma padrão da língua.

Bechara (2009, p. 37) explica que a gramática normativa não é uma disciplina com finalidade científica, mas sim pedagógica. Dessa forma, segundo o autor, cabe a ela “elencar os

fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social”, diferentemente do que ocorre com as gramáticas descritivas, conforme veremos mais à frente.

Trataremos, nesta seção, das funções sintática e discursiva do pronome *lhe* conforme as gramáticas tradicionais. Inicialmente, mencionamos aqui a função sintática dos pronomes do caso oblíquo: segundo Rodrigues (2018), as gramáticas tradicionais brasileiras fazem uma diferenciação entre o uso dos pronomes do caso reto, usados na função de sujeito, e os do caso oblíquo, usados na função de complemento verbal, na oração. O pronome *lhe* desempenha a função primordial de complemento verbal, junto com as demais formas oblíquas.

Para realizar este estudo, tomamos como referência cinco gramáticas normativas (Bechara, 2009; Cegala, 2008; Cunha; Cintra, 2007; Lima, 2011; Sarmento, 2017). A respeito da função sintática do pronome, foi possível observar, em todas as obras analisadas nesta pesquisa, que o termo *lhe* figura entre os pronomes do caso oblíquo, que possuem a função de objeto indireto, por encerrar implicitamente a presença de uma preposição.

De acordo com a gramática de Lima (2011), as formas *lhe*, *lhes* representam substantivos que acompanham as preposições *a* ou *para*, da seguinte forma:

- (10) “*Dei o livro ao menino* (ou — *dei-lhe o livro*);
- (11) *Os reis magos levaram ouro, incenso e mirra para Jesus* (ou — *os reis magos levaram-lhe ouro, incenso e mirra*)” (Lima, 2011, p. 158, adaptado).

Nos dois exemplos, o pronome *lhe* está substituindo o substantivo. Em (1), o pronome substitui o termo “*ao menino*”; e em (2), o pronome substitui o termo “*para Jesus*”, desempenhando, portanto, função de objeto indireto.

As demais gramáticas aqui estudadas também fazem distinção dos pronomes átonos que desempenham função de objeto direto (*o/a*) e de objeto indireto (*lhe*). Por exemplo, Cunha e Cintra (2017, p. 325) especificam que “são formas próprias do objeto indireto: *lhe*, *lhes*”. De mesmo modo, expõe Bechara (2009), em explicação referente ao complemento verbal, que o objeto indireto é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*. Conforme exemplifica o autor, na frase (10), o pronome *lhe* é usado em lugar de “à aniversariante”, e no exemplo (11) o pronome *lhe* substitui o termo “aos pais”:

- (12) “*Enviaram o presente à aniversariante. / Enviaram-lhe o presente.*
- (13) *O diretor escreveu cartas aos pais. / O diretor escreveu-lhes cartas*” (Bechara

2009, p. 348, adaptado).

Na gramática normativa de Cegala (2008), o pronome *lhe* também é classificado sintaticamente como “pronome objetivo indireto”, em que está implícita a presença de uma preposição.

É importante mencionar que, conforme ressaltam Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2007), há casos em que o pronome *lhe* possui um valor de posse na frase. Nesses casos, considera-se que o pronome pode substituir termos que funcionam como adjuntos adnominais, sem que seja alterada a sua função de complemento verbal. Nesse sentido, é a explicação de Cunha e Cintra (2017, p. 317- 318, grifos do autor): “os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (me, te, lhe, nos, vos, lhes) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular. Por exemplo: “*Escutaste-lhe a voz? Viste-lhe o rosto?*”

Nesse sentido, Bechara (2009, p. 350), explica o conceito de **dativos livres**: “os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações”. Ou seja, os objetos indiretos (ou do caso dativo), quando possuem um valor sintático-semântico extensivo, são chamados de dativos livres, os quais ocupam uma posição especial, que pode ser de interesse, de participação, de responsabilidade, de posse, entre outras.

Segundo Bechara (2009, p. 350, grifo nosso), os dativos de posse exprimem o possuidor: “*O médico tomou o pulso ao doente* (*tomou-lhe o pulso*)”. Como se vê no exemplo, o pronome *lhe* designa a pessoa que está em posição especial (possessiva): “ao doente”. Trata-se de um dativo de posse, e não de um adjunto adnominal, como se poderia pensar. Isso porque, apesar de o sentido da frase ser mantido se a reescrevêssemos com um adjunto adnominal no lugar do pronome *lhe* (*O médico tomou o pulso dele*), os termos “ao doente” e “dele” não são sinônimos e, portanto, possuem funções sintáticas distintas.

Também Lima (2011, p. 398) considera que não se pode falar em adjunto adnominal para designar o *lhe* de valor possessivo. Nesses casos, o autor nomeia a função do pronome de “objeto indireto de posse”. Em suma, é possível verificar que apesar de, em casos específicos, as gramáticas trazerem alguma nomenclatura divergente para o pronome *lhe*, há uma tendência maior de classificarem sintaticamente o termo como objeto indireto, ainda que com características específicas, como no caso do dativo de posse.

Em relação à função discursiva do pronome *lhe*, das cinco gramáticas aqui analisadas, apenas Lima (2011) inclui o pronome átono *lhe* na lista de pronomes de segunda pessoa,

destacando que ele será de assim considerado quando houver o termo “você” no contexto.

A explicação de Lima (2011, p. 158) é que, “há alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo as terminações da terceira”. Ou seja, nas orações em que há a presença de *você*, embora designe a pessoa com quem se fala, o pronome leva o verbo para a 3SG. Esse fenômeno acarretaria na consequente aplicação dos pronomes átonos de 3SG em contextos discursivos de 2SG, a fim de “acompanharem” o verbo.

No quadro abaixo, o autor dispõe os pronomes oblíquos usados em 1^a, 2^a e 3^a pessoas, em cada coluna, respectivamente:

Figura 1: Emprego dos pronomes, na "Gramática Normativa da Língua Portuguesa".

4) São formas <i>oblíquas (objetivas diretas)</i> :		
1 ^a PESSOA	2 ^a PESSOA	3 ^a PESSOA
<i>me</i>	<i>te</i>	<i>o, a</i>
<i>nos</i>	<i>você, o, a</i>	<i>os, as</i>
	<i>vos</i>	<i>se (singular e plural, exclusivamente reflexivo)</i>
	<i>se (singular e plural, exclusivamente reflexivo)</i>	

Fonte: Lima (2011, p. 387).

Figura 2: Emprego dos pronomes, na "Gramática Normativa da Língua Portuguesa".

5) São formas <i>oblíquas (objetivas indiretas)</i> :		
a) Átonas:		
<i>me</i>	<i>te</i>	<i>lhe (a ele, a ela)</i>
<i>nos</i>	<i>lhe (a você)</i>	<i>lhes (a eles, a elas)</i>
	<i>vos</i>	<i>se (singular e plural, exclusivamente reflexivo)¹</i>
	<i>lhes (a vocês)</i>	
	<i>se (singular e plural, exclusivamente reflexivo)</i>	

Fonte: Lima (2011, p. 387).

Conforme o quadro trazido por Lima (2011), o pronome *lhe* faz parte dos pronomes oblíquos de 2SG, em substituição ao termo “*a você*”. No entanto, essa previsão se mantém limitada aos casos em que está sendo operado o pronome “*você*”, sem considerar possibilidades mais abrangentes do uso do *lhe*, quando se faz uso do pronome “*tu*”, por exemplo.

Observamos, portanto, que as gramáticas normativas tendem a manter uma abordagem prescritiva em relação ao uso do clítico, restringindo-o predominantemente à função de objeto indireto. No que diz respeito à função discursiva, à exceção de Lima (2011), as gramáticas

analisadas não fazem menção ao uso do pronome *lhe* como referência à 2SG. Essa abordagem normativa, contrasta, em alguns pontos com as gramáticas descritivas, conforme se verá na próxima seção.

2.2 Nas gramáticas descritivas

A definição de gramática descritiva é dada por Bechara (2009, p. 37) como “uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser descritiva, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico)”, ou seja, que tem a finalidade de descrever a língua no seu uso cotidiano. Segundo o autor, por se tratar de uma abordagem científica, não há aqui a preocupação em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

Essa concepção da língua como ela é falada, de acordo com Perini (2017), em geral tem a designação de “português falado do Brasil”, ou “Português Brasileiro”. O autor destaca que tanto o PB quanto o português padrão têm importância na nossa sociedade, e esclarece que, a língua que falamos é bastante diferente da língua que escrevemos, porém ambas representam formas de expressão igualmente adequadas, cada uma no seu contexto.

Para Posseti (1996, p. 64), a gramática descritiva preocupa-se em tornar conhecidas, de forma explícita, “as regras de fato utilizadas pelos falantes”, uma vez que “pode haver diferenças entre as regras que devem ser seguidas e as que são seguidas, em parte como consequência, do fato de que as línguas mudam”. Para este estudo, analisamos cinco gramáticas descritivas do PB: Bagno (2020); Castilho (2014); Neves (2011); Perini (2017); Vilela (1999).

Assim como as gramáticas tradicionais, as gramáticas descritivas aqui analisadas, sob o aspecto das funções sintáticas do pronome *lhe*, também reconhecem esse pronome como objeto indireto (Bagno, 2020; Castilho, 2014; Neves, 2011), com algumas ressalvas que trataremos adiante.

Neves (2011, p. 453-454, grifos da autora) discorre sobre o uso do pronome *lhe* como objeto direto, observando que, apesar de haver construções desse tipo no PB, elas não são aceitas na norma culta:

Os pronomes pessoais átonos não reflexivos de terceira pessoa têm formas particulares para:

a) objeto direto: é a *o*, e suas variantes de gênero e número [...]

Construções com o **pronome LHE** funcionando como **complemento** do **verbo** que se constroem com **objeto direto** não são aceitas como de norma

culta: [...]

Quando lhe vi fiquei sem jeito, mas vi logo que você era pessoa de confiança de madrinha...

[...]

b) objeto indireto: é a forma **LHE(S)**.

De acordo com Perini (2017), na gramática descritiva, não se faz a distinção de objeto direto ou indireto. Então, para o autor, o pronome *lhe* é usado simplesmente na função de objeto (ou complemento do verbo), juntamente com as formas *me*, *te*, *e se*.

Apesar de não fazer a distinção de objeto direto e indireto, Perini (2017, p. 156, grifos do autor) informa que: “as mesmas formas (*me*, *te*, *nos*, *lhe*, *se*) são usadas em casos paralelos àqueles onde aparece a preposição *para* (ou ocasionalmente *a*)”. Ou seja, o autor considera que seu uso estaria relacionado à presença de uma preposição, assim como estão os objetos indiretos na norma padrão.

Um ponto interessante na visão de Perini (2017, p. 156) é que, segundo ele, o uso do pronome *lhe* (“*eu lhe conheço há muito tempo*”) é geograficamente restrito; não ocorrendo, por exemplo, em alguns estados, como Minas Gerais. Essa percepção do autor relativamente a restrição geográfica do emprego do pronome *lhe* vai na direção da nossa hipótese da variação dialetal do termo, identificando o seu uso, de forma mais visível, em estados do Nordeste.

Na obra de Bagno (2020, p. 746), o pronome *lhe* é incluído no quadro dos pronomes de 2SG, com função de objeto direto e de objeto indireto, conforme figura abaixo:

Figura 3: quadro dos índices da 2^a pessoa, na “Gramática pedagógica do PB”.

INDICADORES DA 2 ^a PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
discurso –monitorado									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEM. OBLÍQUO	
sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.
VOCÊ		TE		TE		SE		VOCÊ	
OCÊ	VOCÊS	LHE		LHE		TE		OCÊ	
CÊ	OCÊS	O/A/OS/AS		PRA/A VOCÊ		SE		TI	
TU	CÊS	VOCÊ	OCÊS	PROCÊ	PROCÊS	TE	SE	(CONTIGO)	
TI		OCÊ	O/A/OS/AS					TU	VOCÊS
		TU							OCÊS
discurso +monitorado									
O SR.	VOCÊS	O SR.	VOCÊS	PARA/AO SR.	PARA/A	SE	SE	O SR.	VOCÊS
A SRA.	OS SRS.	A SRA.	OS SRS.	PARA/À SRA.	VOCÊS			A SRA.	OS SRS.
	AS SRAS.	O/A/OS/AS	AS SRAS.	LHE	PARA/AOS				AS SRAS.
	LHE	O/A/OS/AS	O/A/OS/AS	TE	SRS.				
	TE				PARA/AS				
					SRAS.				

Fonte: Bagno (2020, p. 746).

Como é possível observar no quadro acima, Bagno (2020) considera que o *lhe* tem função sintática de objeto direto juntamente com *o/a/os/as*, sendo inclusive mais usado no cotidiano. Para o autor, os pronomes *o/a/os/as* não pertencem à nossa gramática intuitiva (aquele que aprendemos a manejar graças à nossas interações sociais), e eles apenas são empregados “em textos escritos mais monitorados e/ou em textos falados que oralizam textos escritos ou pretendem conferir um tom mais formal ao discurso” (Bagno, 2020, p. 753).

A partir dessas análises sobre a aplicabilidade dos pronomes, Bagno (2020) conclui que o emprego dos pronomes de 2SG como objeto direto ou indireto é muito mais livre e permite intercâmbios muito mais flexíveis do que a tradição gramatical ainda prescreve.

Sobre a função discursiva do pronome *lhe*, há alguns autores que advogam no sentido de que o pronome estaria migrando da interpretação de 3SG para 2SG. Nesse sentido, Bagno (2020, p. 753, grifos do autor) aponta, que “no Norte e no Nordeste [...], é frequentíssimo o uso do índice ***lhe***, mesmo nas comunidades linguísticas em que o sujeito mais empregado é ***tu***.” Para ele, o *lhe*, na língua falada, só se refere ao locutor, isto é, à pessoa a quem o termo “*eu*” se dirige, e jamais à pessoa referida no discurso: “uma construção como ‘*Estive ontem com Pedro e lhe disse que estava muito elegante*’ não encontra eco na intuição gramatical de quem fala o PB sem querer parecer pedante” (Bagno, 2020, p. 754, grifos do autor).

É inegável que a forma pronominal *lhe* vem sendo empregada no contexto discursivo de 2SG, no PB. Também é evidente o seu uso como objeto direto em diversos contextos comunicativos. Mas existe uma questão importante que permeia essas evidências: haveria uma interação sistemática entre o contexto discursivo em que o pronome ocorre e a sua função sintática? Em outras palavras, o falante faz distinção entre o pronome *lhe* de 2SG e o de 3SG ao utilizá-lo na função de objeto direto ou de objeto indireto? E ainda, será que questões sociolinguísticas influenciam essa interação? Do ponto de vista do processamento linguístico, buscamos investigar se há diferenças significativas na interação entre esses fatores, e observar se há padrões distintos de processamento entre falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro.

No âmbito da Sociolinguística, estudos indicam que esse processo de mudança de uso do clítico é particularmente evidente na região Nordeste do país (Almeida, 2009; Araújo; Carvalho, 2015; Oliveira, 2020a; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023). No próximo capítulo, analisaremos essas questões, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, com o objetivo de compreender fatores que condicionam as variações linguísticas observadas no uso do pronome *lhe*.

3 A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é conceituada como a área da ciência da linguagem que busca verificar como fatores de natureza linguística e extralinguística se correlacionam com o uso de variantes de diferentes níveis da gramática de uma língua (fonética, morfologia e sintaxe), ou do seu léxico (Beline, 2020). O seu objeto de estudo, de acordo com Cezario e Votre (2020) é a língua em seu uso real, considerando as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais envolvidos na sua produção.

Nessa perspectiva, a língua é entendida como uma instituição social, e deve ser estudada abrangendo o contexto situacional, a cultura e a história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (Cezario; Votre, 2020). Para Labov (2008, p. 13), a fala ganha progressivamente mais destaque nos estudos linguísticos, e é conceituada como “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social”, devendo ser encontrada nela a base do conhecimento intersubjetivo na linguística.

Neste trabalho, utilizamos a abordagem iniciada por William Labov, na década de 1960, chamada de Sociolinguística Variacionista (ou teoria da variação). Assim, conforme explicam Cezario e Votre (2020), essa abordagem tem como metodologia a delimitação de variáveis para a realização da coleta de dados, de maneira que o fenômeno variável estudado seja identificado com regularidade e sistematicidade. Para Beline (2020), a Sociolinguística Variacionista ocupa-se em desvendar como a heterogeneidade se organiza, ou seja, ela tem como principal interesse compreender de que forma a variação é regulada.

Desse modo, é necessário conhecer alguns conceitos básicos dessa teoria, a fim de compreender as sistematicidades presentes na comunicação a partir da perspectiva variacionista. São eles: a comunidade de fala, as variantes e as variáveis.

Beline (2020) conceitua a comunidade de fala como aquela em que o indivíduo, no contato com outros falantes de sua comunidade, compartilha traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, encontrando, assim, semelhanças entre a forma como ele fala a língua e a forma como os outros indivíduos falam. A religião, o trabalho, ou a faixa etária, por exemplo, são alguns desses traços comuns que podem distinguir uma comunidade de fala.

O termo variante, de acordo com Cezario e Votre (2020), é utilizado para identificar duas formas na língua, uma ao lado da outra, sem que haja mudança no seu significado básico. O exemplo dado pelos autores são as formas “nós falamos” e “a gente fala”, que constituem variantes do presente do indicativo. Ambas são expressões utilizadas para significar a mesma coisa, porém cada uma delas é utilizada em um contexto mais ou menos formal.

A variável, por sua vez, é o conjunto das variantes, e pode ser chamada também de “grupo de fatores”. No exemplo dado acima, o conjunto “nós falamos” e “a gente fala” forma a variável linguística presente do indicativo aplicado ao verbo falar. Além das variáveis linguísticas, pode haver também variáveis de natureza extralingüística. São exemplos de variáveis extralingüísticas: o gênero, que tem como variantes o masculino e o feminino; a idade, com variantes adulto e criança, por exemplo; ou ainda, a variável escolaridade, com as variantes ensino médio, ensino fundamental, entre outras (Cezario; Votre, 2020).

A teoria da variação considera as variáveis extralingüísticas de fundamental importância para os estudos linguísticos em geral. Essas variáveis são categorizadas em alguns tipos diferentes, de acordo com o tema a que elas se referem:

- a) *variação regional*: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; a variável geográfica permite opor, por exemplo, Brasil e Portugal;
- b) *variação social*: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis já citadas, como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, etc.;
- c) *variação de registro*: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc. (Cezario; Votre, 2020, p. 144-145, grifos do autor).

Assim, se estamos diante de uma variável “estado de origem”, como a que analisamos no presente trabalho, significa que concentrarmos nosso foco na variação regional. Sobre esses conceitos, Beline (2020, p. 122) acrescenta que a chamada variação regional também pode ser nomeada como “variação diatópica”; e a variação de registro também é conhecida como “variação diafásica”.

Freitag e Savedra (2023, p. 14) conceituam a Sociolinguística como o “campo dos estudos das relações entre língua e sociedade”, e destacam que a língua deve ser vista em sua diversidade linguística e seu contexto social. Em sua obra, as autoras propõem uma visão política da Sociolinguística, na medida em que consideram que as intervenções estatais, ao longo da história no Brasil, levaram a uma perda da diversidade linguística. Dessa forma, advogam no sentido de que a diversidade linguística deve ser assumida como um direito difuso, ou seja, um direito transindividual, que atende a uma coletividade.

Sob esse ponto de vista, Freitag e Savedra (2023), ressaltam que apesar do atual reconhecimento da variedade dialetal nos documentos basilares da educação, a realidade pluricêntrica do Brasil ainda é um obstáculo. Por “pluricêntrica”, entende-se a língua sem uma variedade dominante (Batoreo, 2014). Nessa seara, Freitag e Savedra (2023, p. 22) discutem o

efeito da mobilidade e dos contatos linguísticos, defendendo que “onde tem contatos linguísticos, tem marcas”, e que é papel do pesquisador empenhar-se em elucidar as marcas, para dar visibilidade à diversidade linguística no Brasil.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já reconhece as variedades da língua como formas de expressões de identidades pessoais e coletivas. O documento traz, no capítulo 5.1.1, algumas competências específicas relacionadas às “linguagens e suas tecnologias no ensino médio”, que são consideradas garantias aos estudantes. Dentre essas garantias, está a competência de:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017/2018, p. 494).

Embora haja essa previsão, Faraco (2008) ressalta que o padrão normativo decorrente de uma tradição gramatical lusitana ainda prevalece em detrimento da realidade diversificada em termos de variedades no PB.

Essa preocupação em conceber a língua tal como ela é falada e escrita, no PB, vem desde a década de 1960, quando o referencial teórico do estruturalismo ganhava espaço no Brasil, e evidenciava a necessidade de a língua “ser tomada como objeto de *Descrição*, contrariando uma longa *tradição normativa*” (Ilari, 2021, p. 120, grifos do autor).

Para Ilari (2021), a escolha por uma conduta descritiva tornou possível reconhecer as variedades não padrão como componentes legítimos da investigação linguística. Nesse sentido, o autor traz um ponto de vista interessante sobre a estratégia adotada para o estudo da língua:

A adoção de uma atitude descritiva [...] permitiu que as variedades não padrão da língua fossem consideradas como objetos legítimos de análise. Quando o estudo da língua segue uma orientação normativa, é fácil acreditar que somente a variedade padrão é sistemática, e que tudo mais é “erro” ou “corrupção” dessa variedade. Quando, ao contrário, prevalece a atitude descritiva, descobre-se naturalmente que as variedades não padrão não têm necessariamente uma estrutura pobre ou ineficiente, têm apenas uma estrutura diferente (Ilari, 2021, p. 121).

Desse modo, a mudança na forma de estudar a língua, incluindo uma visão descritiva, conduz os pesquisadores, e os falantes em geral, a uma compreensão menos preconceituosa do ponto de vista linguístico, reconhecendo variedades diferentes da norma padrão como uma estrutura legítima da língua.

Diante disso, passamos para o estudo da variação dialetal percebida no uso do clítico *lhe*, entre falantes de diferentes regiões. Nesse sentido, alguns autores, como Almeida (2009), Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023), estudados na próxima seção, afirmam, que o pronome *lhe* de 2SG e de 3SG (funcionando como objeto indireto ou como objeto direto) tem sido visto, nos estudos sociolinguísticos, como uma referência própria principalmente de falares nordestinos.

3.1 Estudos sobre pronome “lhe” e variação dialetal

Com base nos conceitos estudados sobre a Sociolinguística Variacionista, reputamos relevante a pesquisa de mestrado de Almeida (2009), que analisou as expressões que representam o objeto direto de segunda pessoa na fala de Salvador. Foram estudadas as seguintes expressões: *te*, *lhe*, *você*, e o objeto nulo.

Dentre os objetivos da pesquisa de Almeida (2009, p. 18), destacamos os seguintes: descrever o uso das formas pronominais de segunda pessoa para pronominalizar o objeto direto (OD) na fala de Salvador; identificar a influência dos fatores linguísticos e extralingüísticos na variável; verificar se há uma mudança em curso da variável na comunidade em questão.

A autora considera que está havendo uma reestruturação no quadro pronominal do PB, com destaque para o pronome *lhe*, cujo uso, segundo ela, “não condiz com a orientação normativa, uma vez que tem sido empregado como objeto direto, com frequências diferentes, em todas as variedades do português” (Almeida, 2009).

Dessa forma, foram tomados como *corpus* do trabalho amostras de falas espontâneas de 36 pessoas, divididas em 3 diferentes faixas etárias: 25 a 35 anos; 45 a 55 anos; e 65 a 75 anos. Além disso, foram considerados: o gênero dos participantes; os níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior) e o contexto da produção da fala, de maior ou menor monitoramento.

Nas amostras analisadas, foi observado que as variantes *lhe* e *te* representam as formas preferidas pelos soteropolitanos para pronominalizar o OD. Além desses pronomes, também foram encontradas outras formas frequentes, como *você* e o objeto nulo, na posição de OD.

Na análise da autora, não se confirmou a hipótese de que o *lhe* seria a variante preferida pelos falantes analisados para representar o objeto direto de segunda pessoa. Conforme explica Almeida (2009), o que se tem, na verdade, é uma evidência concorrente entre as formas *lhe* e *te* na comunidade. De acordo com a pesquisadora:

Pela distribuição geral das ocorrências, as estratégias preferidas dos falantes

são os clíticos *lhe*, com 37% (251/682) do total de ocorrências, e *te*, com 36% (247/682), seguidas do emprego do objeto nulo, que representa 21% (141/682) na amostra. A variante com pronome lexical *você* foi a estratégia menos usada, com apenas 6% (43/682) das ocorrências totais (Almeida, 2009, p. 128, grifos da autora).

A autora cita alguns estudos, como Nascentes (1953) e Abaurre e Galves (2002), que consideram que o uso do pronome *lhe* como objeto direto, decorre da analogia com os outros pronomes (*me, te, nos, vos*), que, tradicionalmente, podem funcionar na frase como objeto direto e como objeto indireto. Almeida (2009, p. 130, grifo da autora) destaca que essa aplicação do pronome por analogia ocorre porque “o uso do *lhe* como OD não é um uso consciente, no sentido de que o falante comum não reconhece que a posição por ele preenchida é a de um objeto direto e não a de objeto indireto.”

Outro resultado que julgamos importante comentar é a tendência de desuso do *lhe* como dativo anafórico de 3SG, na fala de Salvador. Segundo Almeida (2009), foi possível observar que essa ocorrência é praticamente nula na amostra analisada, tendo sido verificada majoritariamente em frases cristalizadas como: “*Quem quer não lhe falta*”. Esse resultado se coaduna com o que alguns autores, como Ramos (1999), afirmam sobre o pronome *lhe* estar se especializando como forma de segunda pessoa para representar o objeto direto e indireto.

Prosseguindo com os resultados apontados na pesquisa, com relação à variável faixa etária, ficou confirmada a hipótese de que “estaria havendo em Salvador uma ‘revitalização’ da forma *te* empreendida pelos grupos mais jovens” (Almeida, 2009, p. 19, grifos da autora). A faixa etária mais jovem (entre 25 e 35 anos) foi a que apresentou maior produtividade do pronome *te*, como expressão do OD. Por outro lado, a faixa etária mais velha (entre 65 e 75 anos) apresentou maior produtividade do pronome *lhe*, como expressão do OD.

Além disso, foi demonstrado que, na capital baiana, a variável escolaridade não representa efeito relevante em nenhuma das formas estudadas. Por outro lado, foi verificado que, em contextos de maior monitoramento, os falantes optam pela forma *lhe*, para expressar o OD, enquanto a forma *te* é usada em contextos de maior informalidade também na função de OD (Almeida, 2009).

O trabalho de Almeida (2009) traz dados importantes para a pesquisa aqui realizada, uma vez que, a análise dos resultados revelados na fala de Salvador vai na direção da nossa hipótese de que as variações no uso e interpretação do clítico *lhe* são um registro da fala da região Nordeste do país.

Um estudo mais recente foi realizado, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), sobre o efeito da mobilidade de estudantes universitários no condicionamento de variações

morfossintáticas. A pesquisa de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023, p. 165) objetivou “descrever o comportamento linguístico de quatro variáveis morfossintáticas que podem ser dialetalmente distintas”. Dentre as variáveis analisadas, interessam para o nosso trabalho a seguinte: clíticos de segunda pessoa do singular (*te* e *lhe*).

A hipótese do trabalho foi que as duas variáveis (*te* e *lhe*) são dialetalmente distintas, podendo apresentar diferentes comportamentos entre os alunos, a depender dos perfis de deslocamento e que, “em decorrência do contato e da integração do estudante universitário por vias de tempo ao ambiente acadêmico, pode haver mudança em sua fala quanto aos usos das variáveis linguísticas selecionadas” (Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023, p. 166).

Os autores abordaram a mobilidade como um fator importante que pode interferir na mudança linguística do contexto analisado, uma vez que a migração, inserção e integração em novas comunidades permitem que os falantes entrem em contato com outras variáveis linguísticas influenciando a sua forma de falar.

Para a análise dos dados, foi utilizada uma amostra intitulada “Deslocamentos 2020” composta pela fala de estudantes da UFS. A amostra foi estratificada com base na região de origem desses estudantes (oriundos de Sergipe, Alagoas e Bahia) e em seu acesso ao campus em termos de mobilidade, bem como em seu tempo no curso de graduação (início e final) (Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023, p. 166).

Dessa forma, a amostra continha a seguinte divisão, conforme quadro extraído de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023, p. 168):

Figura 4: Amostra Deslocamentos

Deslocamento 1	Estudantes da UFS nascidos na Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra do Coqueiros) e que residem nela
Deslocamento 2	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que fazem o trajeto diário para a UFS
Deslocamento 3	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que residem na Grande Aracaju
Deslocamento 4	Estudantes da UFS nascidos e criados em Alagoas e Bahia, que atualmente residem na Grande Aracaju

Fonte: Siqueira; Sousa e Rodrigues (2023, p. 168).

Nesse estudo, os autores partiram da fundamentação de que o crescente uso do termo *você* leva à progressiva implementação do pronome *lhe* (clítico de 3SG) no paradigma de 2SG, variando com a forma *te*, com base em alguns teóricos como Scherre e Duarte (2016), Dalto

(2002), Arruda (2006), Santana (2014), Almeida (2016), Gama (2018), Araújo e Borges (2021).

Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023, p. 174, grifos dos autores) fazem referência a Ramos (1999), que propõe a existência de três gramáticas quanto aos usos dos clíticos de segunda pessoa (aqui apresentado como “2P”):

- (1) usa-se *você* como pronome pessoal de 2P, o *lhe* como clítico para relações de respeito e o *te* em contextos familiares e informais – gramática do eixo Rio-São Paulo;
- (2) utiliza-se *você* como pronome de 2P e o clítico *lhe* como substituto à forma *te* – gramática do português falado em capitais do Nordeste: Maceió, Recife, Salvador e João Pessoa;
- (3) há distinção *tu* e *você*, aquela no tratamento íntimo/familiar e esta, no tratamento respeitoso; os clíticos *te* e *lhe* seguem a mesma distinção, respectivamente – gramática dos estados do Norte e do Maranhão.

Os resultados da pesquisa confirmaram parcialmente a hipótese. No quadro geral, os resultados apontaram um predomínio significativo para o clítico *te* (73%) sobre o uso do *lhe* (27%). Esse resultado confirma a teoria de que o pronome *te* permanece sendo a principal escolha na fala dos brasileiros, embora haja também a implementação do pronome *lhe* de 2SG (Scherre; Duarte, 2016; Ramos, 1999).

Destacando os grupos conforme a sua origem (Sergipe, Alagoas e Bahia), a fala dos alunos oriundos de Alagoas foi a que apresentou a maior frequência para o clítico *lhe* (66,7%), único perfil de deslocamento em que predominou essa variante. Entretanto, não foi estatisticamente relevante o resultado das amostras pelo tempo no curso de graduação. O tempo no curso parece não interferir nos usos da variante, na amostra avaliada (Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023).

Ao final do trabalho, Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023, p. 176), concluíram que “a região de origem do falante tende a interferir quanto aos usos da variante *lhe* no português falado por estudantes da UFS”. Isso significa que as diferenças entre os perfis de estudantes apresentadas no trabalho podem ser interpretadas como indícios do caráter dialetal da variação. Ainda que haja predomínio de *te* em quatro dos cinco perfis de deslocamento, o maior uso de *lhe* por falantes de Alagoas pode ser evidência do padrão dialetal desse estado para a forma *lhe*.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERFACE ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA E PROCESSAMENTO

Apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre a dimensão cognitiva do conhecimento sociolinguístico e o que a literatura tem mostrado a respeito de seus possíveis efeitos no processamento linguístico. Conforme explica Marcilese (2019, p. 160), os estudos a partir dessa dimensão tem ganhado espaço na última década, e levantado questões relevantes, tais como: “De que modo informações de natureza social podem vir a ser linguisticamente representadas? Em que medida informações de cunho social podem influenciar o processamento linguístico?”

Investigar essas questões requer que voltemos o olhar para a relação “linguagem-sociedade”, conforme dispõe Marcilese (2019, p. 160), “colocando no centro da discussão o fato de que tanto a língua quanto ‘a sociedade’ (ou melhor dizendo, ‘o social’) fazem parte do conhecimento interiorizado na mente dos indivíduos”. Nesse cenário, comprehende-se que aspectos sociais da linguagem integram o conhecimento linguístico internalizado pelo falante, conduzindo os estudos para o diálogo entre cognição linguística e o que a autora denomina de “cognição social”. A autora argumenta que o conhecimento social e o conhecimento linguístico são dois domínios que possuem natureza cognitiva (Marcilese, 2019).

Marcilese (2022, p. 148) apresenta a definição de “cognição social” como “representações mentais vinculadas à estrutura e funcionamento da vida em sociedade”. Segundo ela, os estudos sobre cognição social são voltados à investigação de como as pessoas percebem e processam objetos sociais, como indivíduos, grupos e eventos. Nesse contexto, a linguagem ocupa um papel central de estudo, uma vez que constitui um dos principais meios pelos quais o conhecimento social é desenvolvido ou adquirido. A partir dessa perspectiva, a Sociolinguística Variacionista tem buscado investigar como se dá a percepção de informações de natureza sociolinguística e compreender como falantes associam formas linguísticas a significados sociais (Marcilese, 2022).

A pesquisa de Vaughn e Kendall (2019, p. 1788) propõe um caminho para responder a essas questões, sugerindo “que os falantes mantêm associações entre variantes estilisticamente coerentes e seus significados sociais numa representação mental.” Nesse contexto, os autores elucidam que a covariação se refere à ocorrência conjunta de múltiplas variantes linguísticas que compartilham significados sociais semelhantes, ou seja, que pertencem a uma mesma comunidade de fala.

Isso pode ser observado na pesquisa experimental realizada pelos autores, em que foi

analisada uma variável linguística específica (“-ing”; “-in”, como em *talking* e *talkin*), e se questionou se o uso da variante “-in”, característica de uma comunidade de fala do inglês americano, desencadeia a produção de outras variantes fonéticas estilisticamente congruentes com essa variante, mesmo quando os falantes são instruídos apenas a manipular o “-ing”.

Os resultados desse estudo confirmaram que a produção de “-in” levou a ajustes consistentes, em outras variáveis, alinhados com os significados sociais daquela região. Esses resultados corroboram a ideia de que a cognição sociolinguística envolve redes complexas de associações, o que tem implicações tanto para a produção quanto para a percepção da linguagem, evidenciando que falantes possuem representações cognitivas complexas que conectam formas linguísticas a significados sociais (Vaughn; Kendall, 2019).

De acordo com Freitag e Soto (2023), a interface com as abordagens sociolinguísticas acrescenta ao estudo do processamento um componente importante, que é o efeito da dinâmica social, incorporando os fatores ecológicos como uma variável no processamento. Nesse contexto, investiga-se a relação da variação linguística com os custos de processamento.

Essa interação tem origem nos interesses de pesquisas voltadas para os aspectos de percepção dos fenômenos linguísticos, ou seja, como ouvintes identificam e processam variações linguísticas, envolvendo os “níveis de consciência da variação, a sua relação com a gramática e interfaces cognitivas, sociais e emocionais” (Freitag; Soto, 2023, p. 9). Dessa forma, enquanto a Sociolinguística Variacionista fornece estratégias metodológicas para a coleta e análise de dados com foco na produção, a partir da observação de uma comunidade de fala, a Psicolinguística Experimental possibilita um estudo da percepção, através da análise do processamento linguístico (Freitag; Soto, 2023).

Entretanto, os estudos podem ir além da dimensão da percepção. Freitag e Soto (2023, p. 7) explicam que “a percepção linguística se divide em níveis de consciência por meio de processos cognitivos distintos, a saber: perceber, reconhecer e compreender”. Isso significa que existem diferentes níveis de processamento que podem ser investigados a partir dos métodos experimentais disponíveis, os quais podem aferir, além da percepção da variante na gramática internalizada do falante, a consciência social ou até metaconhecimento sobre essas variantes. Ou seja, a depender do método aplicado, é possível, no campo do processamento da variação, avaliar se o mecanismo da compreensão é acionado, verificando como os ouvintes não apenas percebem e reconhecem as variantes linguísticas, mas também as interpretam (Freitag; Soto, 2023).

Para Freitag e Soto (2023, p 11), a definição do desenho experimental nos estudos de processamento da variação linguística envolve dois importantes fatores: “a autenticidade dos

dados da Sociolinguística e o controle experimental da Psicolinguística”. As autoras advertem, ainda, que essa equação deve ser feita cuidadosamente, de maneira que minimizem as influências intervenientes, e, ao mesmo tempo, garantam a autenticidade e espontaneidade da participação. Dessa forma, Freitag e Soto (2023, p. 8-9) concluem que:

[...] o arsenal de paradigmas experimentais diversos, prática da psicolinguística, aliado a uma caracterização profunda do fenômeno variante, bem como a conceituação da interpretação do valor social das formas linguísticas, advindas da literatura sociolinguística, poderiam contribuir para a formulação de um modelo cognitivo viável do processamento da variação capaz de explicar de que maneira os níveis de percepção se desdobram e se influenciam no tempo real do processamento, além de prever como aspectos linguísticos e extralingüísticos se integram com componentes cognitivos relevantes.

Considerando esse panorama, e reconhecendo que há ainda muito a ser investigado sobre interação entre o processamento e as representações mentais de traços de natureza sociolinguística, esta pesquisa faz uso do método experimental para trazer evidências científicas a respeito da relação do processamento e com a variação linguística, especificamente sobre o pronome *lhe*, em duas diferentes variedades do PB.

5 PROCESSAMENTO E VARIAÇÃO

De acordo com Leitão (2008, p. 221), a Psicolinguística tem como objetivo “descrever e analisar a maneira como o ser humano comprehende e produz a linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem.” O autor explica que os estudos em psicolinguística dão conta do conjunto de procedimentos mentais envolvidos no processo de compreender e produzir linguagem verbal, seja via oralidade ou via escrita. O processamento linguístico é então o conjunto desses procedimentos mentais.

Como vimos no capítulo anterior, a Psicolinguística Experimental estuda o processamento de um fenômeno linguístico específico a partir da utilização de métodos experimentais através dos quais é possível inferir uma conclusão sobre aquele fenômeno, por meio da realização das análises estatísticas (Oliveira; Marcilese; e Leitão, 2022).

Com o objetivo de levantar o estado da arte no campo da Psicolinguística Experimental, este capítulo parte do arcabouço teórico das pesquisas mais recentes sobre o processamento dos clíticos no PB. Na primeira seção, apresentamos, um panorama dos estudos voltadas para o processamento linguístico do pronome *lhe*. Em seguida, na segunda seção, ampliamos essa abordagem ao incorporar informações de natureza social ao estudo do processamento linguístico. Nesse contexto, trazemos pesquisas que investigam a interface entre variação linguística e processamento, tendo como objeto de análise os pronomes clíticos. Esses estudos compõem o núcleo temático da presente pesquisa e abrem caminhos para novas investigações na interseção entre Sociolinguística e Psicolinguística.

5.1 O processamento linguístico do pronome “lhe”

Um estudo realizado por Oliveira (2020b) analisou a frequência e o processamento dos clíticos de 2SG na função de objeto direto. Nesse estudo, foram estudados os pronomes *te*, *lhe* e *o/a*, através de um experimento de leitura com rastreador ocular – *eye tracker*. O objetivo do experimento foi “observar como falantes do português brasileiro processam a referência ao interlocutor a partir dos clíticos *te*, *lhe* e *o/a* e verificar se a percepção desses pronomes é influenciada pelas diferenças existentes na frequência de uso” (Oliveira, 2020b, p. 99, grifo nosso).

Para verificar a frequência de uso de cada um dos pronomes, o autor utilizou quatro diferentes pesquisas baseadas em dados de *corpora* sobre a presença dos clíticos – *te*, *lhe*, *o/a* – em textos do PB, compondo um quadro comparativo da frequência de uso desses pronomes

nos *corpora* analisados.

Dessa forma, o trabalho motivou-se em responder às seguintes perguntas: “como falantes do PB devem processar enunciados em que os clíticos *te*, *lhe* e *o/a* estejam presentes, atuando na referência à 2SG? As diferentes frequências de uso desses pronomes influenciam o acesso à informação de 2SG?” (Oliveira, 2020b, p. 100-101, grifo nosso).

Partindo dos pressupostos teóricos da Linguística Centrada no Uso (Bybee, 2007; Divjak; Caldwell-Harris, 2015) para conduzir a discussão, o autor elaborou as seguintes hipóteses:

(i) os pronomes *te*, *lhe* e *o/a* não são processados da mesma maneira, sendo o clítico *te* a estratégia mais eficiente no acesso à informação de 2SG; (ii) a diferença no processamento é reflexo das frequências de uso distintas, pois as formas linguísticas mais frequentes são acessadas mais facilmente pelos falantes, com menor custo cognitivo envolvido (Oliveira, 2020b, p. 101).

Em suma, o ponto central do trabalho foi explorar o processamento dos clíticos no acesso à informação de 2SG e analisar se as diferentes frequências de uso entre os termos afetam distintamente o seu processamento, discutindo assim a relação entre gramática, uso e percepção linguística.

Com relação à frequência dos clíticos, dentre os quatro trabalhos de *corpora* que foram analisados por Oliveira (2020b), dois deles mapearam as frequências de uso no plano diacrônico, ou seja, considerando sua ocorrência ao longo do tempo. Os *corpora* examinados nesses trabalhos foram peças teatrais dos séculos XIX e XX (Machado, 2011), e cartas pessoais escritas por residentes do Rio de Janeiro entre 1880 e 1980 (Souza, 2014).

Os outros dois trabalhos de *corpora* estudaram o uso dos clíticos de forma sincrônica, concentrando-se no período contemporâneo, e relacionando a sua ocorrência a fatores linguísticos, como contextos mais ou menos formais. Os *corpora* analisados nesses trabalhos foram extraídos de produções textuais de alunos do ensino fundamental de um colégio da cidade de São Paulo (Camargo Jr., 2007), e de roteiros de cinema, cujas histórias se passavam nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (Oliveira Silva, 2011).

De uma maneira geral, as quatro pesquisas estudadas evidenciaram uma “constante e expressiva frequência do clítico *te*, seja nas amostras diacrônicas, seja nas amostras sincrônicas” (Oliveira, 2020, p. 105, grifo do autor). A partir desses resultados, o autor questionou então quais seriam as consequências dessa alta frequência do pronome *te* em comparação com os outros clíticos de 2SG no processamento.

Sobre o tema da frequência de uso, o autor referencia Bybee (2007), umas das principais

estudiosas da área, para explicar que a frequência pode ser considerada, por um lado, efeito, por ser uma contagem ou um padrão observável nos textos, e, por outro lado, causa, pelo impacto que a repetição de experiências exerce sobre as representações cognitivas. Nesse sentido, Bybee (2007) ensina que existem diferentes formas de contabilizar a frequência de uso, as quais evidenciam efeitos diferentes na cognição. Dentre elas, destacamos a Frequência de Ocorrência (*token Frequency*), que corresponde ao número de vezes que uma unidade (partícula, sílaba, palavra, expressão, ou até uma frase) aparece no texto em questão.

A Frequência de Ocorrência acarreta alguns efeitos importantes na cognição. Oliveira (2020) destaca dois efeitos conceituados por Bybee (2007) que, por suas características e diante das análises sociolinguísticas realizadas, podem ser associados à forma pronominal de 2SG: o Efeito de Conservação e a Autonomia.

O primeiro efeito, chamado de Efeito de Conservação, refere-se ao fortalecimento das representações mnemônicas de itens linguísticos que são usados continuamente, tornando-os mais acessíveis na mente (Bybee, 2007). Esse efeito tem relação com o processo de enraizamento. Conforme explica Oliveira (2020b), esse último é um termo denominado por Langacker, em 1987, que significa o armazenamento e a organização das estruturas no catálogo mental causado pelo aumento da frequência de ocorrência das formas linguísticas. Esse processo de enraizamento pode gerar diferenças importantes na representação, a ponto de criar unidades na memória, ou *unicização*. A forma linguística passa a ser representada como uma unidade.

Nas palavras de Oliveira (2020b, p. 108), “devido à representação fortalecida na memória, desencadeada pela repetição de uso, o acesso a formas de alta frequência demanda um esforço cognitivo menor, que se reflete no processamento mais rápido, fácil e preciso das estruturas mais frequentes.”

A Autonomia é o efeito de palavras, que, por sua alta frequência, são acessadas independentemente dos itens a ela relacionados. Ou seja, há um desligamento daquela palavra à rede, o que pode causar “resistência à mudança”, e até mesmo “reformulações dentro de um paradigma”. O exemplo que a autora menciona é o caso da forma em inglês *went*, que se desvinculou do verbo *wend* para se tornar passado de *go* (Bybee, 2007).

De acordo com o Oliveira (2020b, p. 109):

[...] a alta frequência de uso do clítico *te*, atestada nos dados de corpora, desencadeia o Efeito de Conservação (e mesmo a Autonomia) desse pronome na gramática do PB. Sendo assim, defendo que a representação dessa forma linguística estaria mais arraigada na mente dos falantes, fato que a torna mais acessível na memória e, consequentemente, menos custosa de ser processada,

em comparação com os clíticos *lhe* e *o/a*.

A realização do experimento se deu com a elaboração de 30 enunciados, sendo 10 para cada condição experimental (*te*, *lhe*, *o/a*), e 20 itens distratores. Os participantes foram 30 alunos na UFRJ, nativos do estado do Rio de Janeiro (Oliveira, 2020). As frases seguiam o padrão conforme descrito na figura abaixo:

Figura 1: quadro dos exemplos de frases experimentais utilizadas na tarefa.

Frases experimentais:

Clítico *te*

Paulo garantiu para Aline na frente de Ana: eu já *te* indiquei ao cargo.

Questão interpretativa: Paulo já indicou Aline ao cargo? SIM NÃO

Clítico *lhe*

Paulo garantiu para Aline na frente de Ana: eu já *lhe* indiquei ao cargo.

Questão interpretativa: Paulo já indicou Aline ao cargo? SIM NÃO

Clítico *o/a*

Paulo garantiu para Aline na frente de Ana: eu *a* indiquei para o cargo⁷.

Questão interpretativa: Paulo indicou Aline para o cargo? SIM NÃO

Fonte: Oliveira (2020, p. 110).

O experimento buscou medir:

- (i) o número de fixações oculares no conjunto ‘clítico-verbo’ e na frase inteira, apresentado em média de ocorrências;
- (ii) os tempos de leitura do conjunto ‘clítico-verbo’ e da frase inteira, mensurados em milésimos de segundo;
- (iii) os índices de interpretação da informação de 2SG, extraídos das respostas às questões interpretativas (Oliveira, 2020b, p. 112).

Os resultados encontrados confirmaram as hipóteses levantadas pelo autor, favorecendo o pressuposto da Linguística Centrada no Uso, segundo o qual a experiência concreta dos falantes com a linguagem influencia, de forma direta e contínua, a maneira como as unidades linguísticas são representadas e armazenadas na memória (Oliveira, 2020).

Dessa forma, Oliveira (2020b, p. 112-114) pontuou os seguintes resultados (na maioria dos casos, as diferenças entre os percentuais envolvendo o clítico *te* e os demais clíticos foram estatisticamente significativas):

- a. com relação ao número de fixações, foi observado que o conjunto [*te* + verbo] foi o que registrou menor número de fixações, e também as frases inteiras contendo *te* foram as que registraram menor número de fixações. Por outro lado, o conjunto [*lhe* + verbo] foi o que registrou maior número de fixações, e as frases inteiras contendo

- o/a* foram as que registraram maior número de fixações;
- b. com relação ao tempo de leitura, o conjunto [*te* + verbo] registrou um menor tempo de leitura, e as frases inteiras contendo *te* também registraram o menor tempo de leitura. O conjunto [*lhe* + verbo] registrou os tempos de leitura mais elevados, e as frases inteiras com *o/a* registraram o maior tempo de leitura.
 - c. com relação ao índice de respostas à pergunta de interpretação, a condição envolvendo o pronome *te* foi a que mais registrou respostas relacionadas à interpretação da informação de 2SG. Em segundo lugar, ficou a condição com o pronome *lhe*. E, por último ficou o clítico *o/a*, que teve o menor percentual de respostas de interpretação da informação de 2SG.

Na discussão dos resultados, o autor observa que o clítico *te*, dentre os clíticos estudados, foi o que envolveu menor custo de processamento, com base nos resultados obtidos. Partindo da análise das pesquisas baseadas em *corpora*, amplamente estudadas no trabalho, Oliveira (2020b, p. 115) conclui que a alta frequência do clítico *te* desencadeou o Efeito de Conservação desse pronome. Conclui, ainda, que “a representação dessa forma pronominal está mais enraizada na mente dos falantes”. Para ele, mesmo após a difusão do termo *você*, no PB, o pronome *te* continuará sendo a principal forma de 2SG como complemento.

Chamam-nos atenção alguns pontos envolvendo especificamente o clítico *lhe*, demonstrados nos resultados do experimento. Um deles é que, comparando separadamente os resultados dos clíticos *te* e *lhe*, as médias de fixações e de tempo de leitura nas frases inteiras que continham o clítico *lhe* não foram significativamente mais altas do que naquelas que continham o clítico *te*. Além disso, as frases com o clítico *lhe* tiveram um alto índice (73%) de interpretação da informação de 2SG nas respostas à pergunta interpretativa. Embora ainda tenha sido significativamente menor que o índice obtido nas frases com *te*, esse resultado sugere que o clítico *lhe* é mais facilmente identificado como referência à 2SG do que à 3SG.

Comparando os resultados dos clíticos *lhe* com *o/a*, as médias de fixações oculares envolvendo esses pronomes não apresentaram diferenças significativas. Já as médias de tempo de leitura das frases inteiras que continham os clíticos *o/a* foram significativamente mais altas do que daquelas que continham o clítico *lhe*. Além disso, as fases com os clíticos *o/a* tiveram um índice de 49% para interpretação de 2SG, significativamente menor que o índice obtido nas frases com o pronome *lhe* (73%). Esses resultados podem indicar que o pronome *lhe* é mais facilmente identificado como referência à 2SG do que os pronomes *o/a*.

Pontuamos também que o experimento foi realizado apenas com participantes nativos

do Rio de Janeiro. A pergunta que fazemos é: os resultados para o clítico *lhe* teriam sido semelhantes aos atingidos nesse estudo se o experimento tivesse sido realizado com nativos da Paraíba? Dessa forma, nossa proposta é contribuir com os estudos de processamento do clítico *lhe*, empreendendo uma ampliação da discussão, a fim de melhor compreender o seu funcionamento, no PB, em diferentes comunidades de fala, considerando os aspectos gramaticais e discursivos.

Prosseguindo na tarefa de elencar os estudos mais recentes sobre o processamento dos clíticos, destacamos o trabalho de Bretas, Oliveira e Sá (2024), que teve como objetivo mensurar a sensibilidade de estudantes do ensino médio aos contextos de uso dos pronomes oblíquos de terceira pessoa.

O estudo analisou o uso do pronome *lhe* e *o/a*, de 3SG, através da coleta de dados do teste *cloze* com alunos de primeiro e terceiro anos do ensino médio, além do grupo controle formado por universitários, ambos do estado de Minas Gerais, a fim de verificar a produção do clítico por falantes do PB.

O teste *cloze* é um método de avaliação da compreensão de leitura em que uma parte singular da frase é deletada a fim de que o participante decida, pelo contexto, qual palavra melhor preenche o espaço. Esse método parte do princípio de que aquela forma ou padrão é tão familiar que, embora parte dele esteja realmente faltando, pode ser reconhecido de qualquer maneira (Taylor, 1953).

Segundo os autores, algumas pesquisas apontam para o desuso dos clíticos de 3SG (Cyrino, 1994; Kato; Raposo, 2005; Kato; Cyrino; Corrêa, 2009; Nunes, 2015), outras, para a baixa produtividade do clítico entre alunos de ensino médio (Corrêa, 1991; Machado-Rosa, 2013; Nunes, 2011; Oliveira, 2007). Além disso, destacam que é comum, no PB, o uso do “lheísmo”, ou seja, o dativo assumindo função de acusativo (Oliveira, 2020).

Essas informações sobre o uso dos clíticos fomentaram o trabalho em análise, que tinha a seguinte hipótese: “falantes nativos com menor nível de letramento (ensino médio) não são sensíveis à distinção do contexto de uso dos pronomes dativos (*lhe*) e acusativos (*o/a*)” (Bretas; Oliveira; Sá, 2024).

A análise foi realizada a partir do experimento de teste *cloze*, respondido por alunos do ensino médio, e também por alunos da graduação para comparação (grupo controle). O teste continha algumas frases-alvo para casos dativos e para casos acusativos, em que os participantes precisavam preencher a lacuna com uma palavra, de forma que se poderia conferir tanto a produção dos clíticos (se os alunos iriam utilizar o clítico no espaço) quanto a habilidade de distinguir os dois casos (Bretas; Oliveira; Sá, 2024).

Os itens experimentais seguiram o seguinte modelo:

- a. “Dativo (lhe): Carlos faltou e o técnico ____ enviou um aviso.
- b. Acusativo (o/a): O documento voltou e Maria ____ reenviou para o chefe.;
- c. Verbos bitransitivos” (Bretas; Oliveira; Sá, 2024).

Como resultado, verificou-se que os alunos do ensino médio apresentaram a produção dos clíticos nas lacunas e também uma boa sensibilidade quanto ao contexto de uso do acusativo (60% de respostas acusativas no contexto acusativo) e dativo (45% respostas dativas no contexto dativo).

Apesar das respostas indicarem uma porcentagem menor de uso do dativo (*lhe*), os autores concluíram que os participantes do ensino médio conseguiram produzir os pronomes, e também distinguir os contextos de emprego de cada um deles, contrariando assim a hipótese da falta da noção do uso do dativo por falantes com menor nível de letramento (Bretas; Oliveira; Sá, 2024). É importante observar que, nesse experimento, para medir a sensibilidade quanto ao contexto de uso de acusativo e dativo, os autores utilizaram como referência a norma padrão da língua portuguesa.

Consideramos que as pesquisas expostas nessa seção contribuem para a construção de panorama sobre os clíticos, em especial o pronome *lhe*, em termos de processamento linguístico. Porém, percebemos que há, ainda, muitas interrogações sobre o seu funcionamento quando inserimos no cenário as questões sociolinguísticas e as suas implicações no processamento da linguagem.

5.2 A influência da variação dialetal no processamento linguístico

Fazemos referência aqui, inicialmente, a um trabalho de Psicolinguística Experimental em que se analisou o processamento de variáveis anafóricas, com respaldo também em estudos sociolinguísticos (Lacerda, 2014). Consideramos esse estudo relevante para o nosso trabalho, por abordar a variação dialetal como um ponto de partida para as investigações acerca do processamento linguístico.

A pesquisa realizada por Lacerda (2014) teve como objeto de estudo a variação dialetal do uso da anáfora *se*, entre falantes de PB nativos de Minas Gerais e da Paraíba. O trabalho objetivou “investigar se diferentes tipos de retomada [*se*, *Ø*, *ele(a)*] podem influenciar o processamento correferencial de estruturas reflexivas” e se “diferenças dialetais (Minas Gerais

e Paraíba) podem ou não influenciar no processamento correferencial destas estruturas” (Lacerda, 2014, p. 13-14).

A partir das investigações sobre o papel da sintaxe na interpretação e coesão das sentenças, Lacerda (2014) fundamentou o seu trabalho na “Teoria da Ligação” (Binding Theory), proposta por Chomsky (1981) dentro do modelo de Princípios e Parâmetros. Essa teoria explica como as restrições sintáticas regulam a relação entre pronomes, anáforas e expressões referenciais com os seus antecedentes na sentença. Ou seja, a Teoria da Ligação elenca os princípios que determinam como esses três tipos de expressões nominais podem ou não se referir a um antecedente dentro da estrutura gramatical da língua.

No contexto do processamento linguístico, Lacerda (2014) investigou, por meio de dados empíricos, se outros fatores além da sintaxe influenciam a escolha da anáfora em relação ao seu antecedente. O escopo do trabalho foi verificar “se fatores sintáticos e semânticos influenciaram o processamento de variáveis anafóricas, respaldados em estudos sociolinguísticos e de outras vertentes sobre o pronome reflexivo *se*” (Lacerda, 2014, p. 13, grifo da autora).

A autora trouxe à luz alguns estudos sobre da variação dialetal da anáfora *se*, em que se pode observar que a presença desse pronome vem diminuindo, ou seja, há algumas construções em que ocorre a supressão do pronome reflexivo, como no exemplo apontado:

- (14) *Ele se machucou; Ele Ø machucou* (Lacerda, 2014, p. 13).

Lacerda (2014) cita trabalhos fundamentados em dados de *corpora* de escrita, mas principalmente de fala espontânea, tendo como objeto de estudo a anáfora *se*, os quais convergem com a hipótese da variação dialetal (Camacho, 2003; D’Albuquerque, 1984; Veadó, 1982; Lemle, 1985). A partir desses estudos, observou-se que o clítico *se* apresenta diferentes comportamentos, no PB, sendo um marcador do dialeto mineiro a escolha por estruturas que apresentam a supressão dos clíticos reflexivos em terceira pessoa.

Metodologicamente, foi realizado um experimento de leitura automonitorada com 50 participantes, sendo 25 de Minas Gerais e 25 da Paraíba. O trabalho teve como objetos de experiência as variáveis apontadas pelos estudos que enfocam o dialeto mineiro quanto ao uso do *se* reflexivo como presença (“*Ele se machucou*”), supressão (“*Ele Ø machucou*”) e possível substituição (“*Ele machucou ele*”) (Lacerda, 2014, p. 39).

Os três tipos de retomada foram chamados no trabalho de: retomada reflexiva – RR, retomada nula – RN, e retomada pronominal – RP, respectivamente. Além disso, o material

consistiu de 3 conjuntos de 14 frases experimentais, sendo 7 frases com verbos prováveis reflexivos (“*Marcelo machucou se no parque de diversão*”) e 7 frases com verbos prováveis não reflexivos (“*Maurício pintou se no atelier de arte*”). Foram analisados tanto dados *on line*, com a leitura dos segmentos, como *off line*, através das respostas à uma pergunta de compreensão sobre o contexto reflexivo (Lacerda, 2014, p. 43).

Os resultados reforçaram a hipótese de que a variação dialetal pode influenciar o processamento linguístico. A pesquisadora concluiu que houve uma forte influência da variação dialetal na análise das amostras duas regiões do Brasil. No grupo de Minas Gerais, a análise dos dados, *online* e *offline*, confirmou a possibilidade de uso da retomada pronominal como uma anáfora reflexiva, e ainda, que a supressão do *se* (retomada nula) não prejudica a interpretação reflexiva da frase (Lacerda, 2014).

Por outro lado, no grupo da Paraíba, as retomadas nulas (RN), ao contrário de Minas Gerais, não foram analisadas como reflexivas (Lacerda, 2014). Entre os paraibanos, esse tipo de retomada gerou tempos de leitura mais elevados, independentemente do tipo de verbo, e uma maior rejeição nas respostas *offline*, confirmado também os apontamentos sociolinguísticos recuperados nos estudos de dados de *corpora* sobre essa comunidade de fala. Os resultados do estudo sugerem que a sintaxe interage com a variação dialetal na resolução da correferência, mostrando que os parâmetros internos da língua podem ser moldados pelas diferenças regionais no uso da linguagem.

Outro trabalho que reputamos pertinente para a nossa pesquisa foi realizado por Oliveira (2020a), sobre o processamento da variação entre os clíticos *te* e *lhe*, na função de objeto direto, em um estudo comparativo entre os estados do Ceará e do Rio de Janeiro. O autor aponta alguns autores que afirmam haver uma reinterpretação, no PB, do pronome *lhe* – originalmente dativo de 3SG – como clítico acusativo de 2SG (Ramos, 1999; Almeida, 2009; Souza, 2014). Dessa forma, os pronomes *te* e *lhe* representariam duas variantes para a 2SG na função de objeto direto. Paralelamente à questão psicolinguística, discute-se a hipótese extralinguística de que o uso do *lhe* como acusativo de 2SG seria uma referência dos falares nordestinos, a partir da análise em dados de *corpora* (Oliveira, 2020a).

Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi: “(i) mensurar o custo de processamento exigido pelas formas *te* e *lhe* para a ativação da referência à 2SG e; (ii) observar se o fator diatópico exerce influência no processamento das variantes em análise” (Oliveira 2020a, p. 91, grifos do autor).

Diante desse cenário, e tendo em vista os aspectos teóricos discutidos no trabalho, foram construídas duas hipóteses principais: (i) a ambiguidade referencial do clítico *lhe*, que, devido

às suas origens, pode se referir à 3SG ou à 2SG; (ii) o condicionamento diatópico de *lhe*, que é visto como uma marca dos dialetos nordestinos” (Oliveira, 2020^a, p. 104-105, grifos do autor).

Metodologicamente, a pesquisa centrou-se na realização de um experimento de leitura automonitorada, que foi aplicado a um total de 60 participantes falantes do PB, sendo 30 naturais do estado do Rio de Janeiro e 30 naturais do estado do Ceará (Oliveira 2020a).

Inicialmente, o autor analisou a alternância das variantes *te* e *lhe* em dados de *corpora*. Para isso, foram selecionados quatro diferentes estudos que se fundamentavam nos seguintes *corpora* do PB: produções textuais de alunos do ensino fundamental de um colégio da cidade de São Paulo (Camargo Jr., 2007); cartas pessoais escritas por residentes do Rio de Janeiro entre as décadas de 1880 e 1980 (Souza, 2014); cartas pessoais escritas por residentes do Ceará entre 1940 e 1990 (Araújo e Carvalho, 2015); dados de entrevistas a informantes nas cidades baianas de Salvador e Santo Antônio de Jesus (Almeida, 2016).

A partir da análise das quatro pesquisas acima mencionadas, foi possível se chegar aos seguintes achados:

(i) as formas *te* e *lhe* constituem, de fato, variantes pronominais de 2SG na função de objeto direto, ocorrendo em diferentes variedades do PB e (ii) a distribuição dessas variantes parece oscilar significativamente de uma região para outra, tendo *lhe* uma frequência menos significativa em localidades da região sudeste (RJ e SP) do que em cidades da região Nordeste (CE e BA) (Oliveira, 2020^a, p. 96, grifos do autor).

Constatou-se que as duas formas *te* e *lhe* constituem variantes pronominais funcionando como clíticos acusativos de 2SG, e que a forma *lhe* apresenta uma frequência de uso maior nos dados de *corpora* das cidades da região Nordeste, quando comparado com os dados das cidades da região Sudeste do país.

O experimento empregado no trabalho em análise teve o intuito de verificar a eficiência dos pronomes *te*, *lhe*, *o/a*, para a ativação da informação de 2SG na mente dos participantes. Entretanto, o autor optou por utilizar apenas os resultados coletados nas amostras com os pronomes *te* e *lhe*, a fim de verificar especificamente essas duas variantes.

Para testar a eficiência dos clíticos na ativação de um referente de 2SG, o autor criou itens experimentais que continham três nomes próprios dentro de uma estrutura de subordinação, em que um dos nomes admitia a interpretação de 2SG. As frases seguiam o seguinte modelo:

(15) “*Sônia prometeu para Aldo na companhia de Davi: Eu te ajudo com a prova.*

PERGUNTA: *Sônia ajuda Davi com a prova?*” (Oliveira, 2020a, p. 99)

- (16) “*Sônia prometeu para Aldo na companhia de Davi: Eu lhe ajudo com a prova.*

PERGUNTA: *Sônia ajuda Davi com a prova?*” (Oliveira, 2020a, p. 99)

Os participantes deveriam ler as sentenças, e, após isso, responder à pergunta interpretativa. No exemplo (15), a única resposta esperada era “não”, já que o pronome *te* admite apenas interpretação de 2SG. Por outro lado, no exemplo (16), se o participante respondesse “sim”, significa que ele estaria fazendo uma interpretação de 3SG do pronome *lhe*.

Após a realização do experimento, os resultados apresentados foram os seguintes:

- a. com relação às respostas da pergunta interpretativa, o pronome *lhe* de 2SG foi mais aceito do que de 3SG. Ou seja, a maioria das respostas à pergunta interpretativa nessas condições foi “não”. Sendo os percentuais de respostas nesse sentido parecidos para os dois estados (74% para o RJ, e 71% para o CE);
- b. com relação ao tempo médio de leitura das frases, as frases com *te* tiveram uma média menor em relação à média das frases com *lhe*, nos dois estados analisados. Essa diferença foi estatisticamente significativa apenas nos dados do Ceará; para os participantes do Rio de Janeiro as diferenças não foram significativas;
- c. com relação ao tempo médio de leitura da pergunta interpretativa, as perguntas relacionadas às frases com *te* também tiveram uma média de tempo de leitura menor em relação à média de tempo de leitura das perguntas relacionadas às frases com *lhe*. Essa diferença foi estatisticamente significativa apenas nos dados do Rio de Janeiro.

A partir desses resultados, Oliveira (2020a) discute que não é possível sustentar a hipótese da ambiguidade referencial do clítico *lhe* (de referência a 2SG e a 3SG), já que o experimento demonstrou que, na verdade, os participantes dos dois estados efetuaram predominantemente a leitura de 2SG para o pronome *lhe*. Segundo ele, também não foi possível atestar um efeito significativo da hipótese diatópica, uma vez que os participantes cearenses tiveram um comportamento similar ao dos participantes fluminenses, registrando um tempo de processamento maior para a leitura dos enunciados com o clítico *lhe*.

Com base nessas evidências, embora tenha sido possível constatar algumas diferenças percentuais estatisticamente significativas, a conclusão do autor foi que os dados não confirmam a hipótese da ambiguidade do pronome *lhe*, nem tampouco a hipótese diatópica da variação linguística. O autor ressalta, contudo, que tais resultados não eliminam a possibilidade de que novos experimentos venham a trazer aspectos relacionados a diatopicidade ainda não

capturados pela abordagem utilizada.

Diante disso, propomos realizar um experimento focalizando no processamento do pronome *lhe*, e comparando os dados coletados entre participantes dos estados da Paraíba e do Rio de Janeiro, a fim de verificar a relação entre processamento e variação nos dois estados, rediscutindo a hipótese diatópica investigada por Oliveira (2020a), e a influência dos fatores extralingüísticos, especialmente de ordem regional, no processamento das estruturas analisadas.

6 METODOLOGIA EXPERIMENTAL

A proposta metodológica consiste na pesquisa quantitativa e experimental, por meio da realização de um experimento de leitura automonitorada (Self-Paced Reading), com a finalidade de verificar a eficiência do pronome *lhe* para a ativação da informação de 2SG, e de 3SG; bem como, da informação do caso dativo, e do caso acusativo, na mente dos participantes, comparando os dados coletados quanto à ativação de cada traço, e o estado de origem do participante.

A leitura automonitorada é uma técnica de medição do tempo de leitura de frases que são apresentadas de forma segmentada. Esses segmentos, que podem ser palavras ou sintagmas, são exibidos um a um, sendo a passagem de um segmento para o outro controlada pelo próprio leitor, que vai cadenciando, assim, a sua leitura. O tempo de leitura de cada segmento é aferido em milésimos de segundo, o que possibilita ao pesquisador realizar comparações estatísticas entre as médias de tempos de leitura de um mesmo segmento em diferentes condições experimentais (Oliveira; Marcilese; Leitão, 2022).

A ferramenta utilizada no experimento foi o PennController for Interne Based Experiments – Pclibex (Zehr, 2018). Após a coleta dos dados, os resultados foram agrupados e tratados nos programas de Software Excel e Jamovi, para o estabelecimento das análises estatísticas de cunho descritivo e inferencial.

6.1 Variáveis e condições experimentais

No tocante às variáveis, conforme explicam Sá e Oliveira (2022, p. 7), as variáveis manipuladas pelo pesquisador são chamadas independentes (ou preditoras); por outro lado, as variáveis dependentes (ou de saída), são as que serão medidas, ou observadas, devendo os efeitos externos a essas variáveis serem controlados, para que apenas a manipulação da variável independente cause efeito na variável dependente (Sá; Oliveira, 2022, p. 7).

Constituem as **variáveis independentes** deste experimento, cada uma com dois níveis:

- a. **tipo de verbo:** verbo transitivo direto (VTD) ou verbo transitivo direto e indireto (VTDI);
- b. **natureza do objeto da primeira oração:** *ele/ela* ou *você*;
- c. **estado de origem do participante:** Paraíba ou Rio de Janeiro.

Combinamos os níveis das variáveis independentes (tipo de verbo, natureza do objeto da primeira oração e o estado de origem do participante) em um *design* 2x2x2. Dessa forma, obtivemos **quatro condições experimentais**, uma vez que, apesar de o estado de origem do participante constituir uma variável independente, ela não interferirá no número de condições experimentais, por ser uma variável extralingüística.

As condições experimentais seguem o seguinte padrão:

- a. **Uma condição com pronome de 2SG e VTD:** [Verbo + *você* + adjunto adverbial de lugar + conjunção + *lhe* (na forma de OD) + VTD + adjunto adverbial de tempo + adjunto adverbial].
- b. **Uma condição com pronome de 3SG e VTD:** [Verbo + *ele/ela* + adjunto adverbial de lugar + conjunção + *lhe* (na forma de OD) + VTD + adjunto adverbial de tempo + adjunto adverbial].
- c. **Uma condição com pronome de 2SG e VTDI:** [Verbo + *você* + adjunto adverbial de lugar + conjunção + *lhe* (na forma de OI) + VTDI + adjunto adverbial de tempo + OD].
- d. **Uma condição com pronome de 3SG e VTDI:** [Verbo + *ele/ela* + adjunto adverbial de lugar + conjunção + *lhe* (na forma de OI) + VTDI + adjunto adverbial de tempo + OD].

Dessa forma, as frases foram divididas em seis segmentos, sendo o quarto o segmento crítico, conforme os exemplos abaixo:

- a. **Pronome de 2SG na forma de OD (2OD):**

“Encontrei você / na escola, / e também / lhe avistei / depois / com pressa.”

- b. **Pronome de 3SG na forma de OD (3OD):**

“Encontrei ela / na escola, / e também / lhe avistei / depois / com pressa.”

- c. **Pronome de 2SG na forma de OI (2OI):**

“Encontrei você / na escola, / e também / lhe respondi / depois / as perguntas.”

d. Pronome de 3SG na forma de OI (3OI):

“Encontrei ela / na escola, / e também / lhe respondi / depois / as perguntas.”

A variável dependente do experimento constitui a **medida online do tempo de leitura do segmento crítico**. As aferições de tempo foram realizadas sempre no quarto segmento de cada sentença experimental, bem como no segmento seguinte, a fim de verificar um possível efeito *Spill-over*.

Após a leitura de cada frase pelo participante, era exibida uma pergunta interpretativa (exemplo: “*A pessoa foi encontrada na escola?*”), que devia ser respondida com *Sim* ou *Não*.

Essa pergunta não possui relação com o segmento crítico, mas com o primeiro verbo da frase. Portanto, os índices de resposta à pergunta interpretativa não configuram uma variável dependente, mas servem como um indicativo de que o participante dedicou atenção na realização do experimento, trazendo uma maior segurança na medição dos resultados.

6.2 Participantes

Os participantes foram 60 adultos, entre 18 e 40 anos, sendo 39 do sexo feminino e 21 do sexo masculino, e com níveis de escolaridade entre graduandos e pós graduados. Dos 60 participantes, 33 eram naturais da Paraíba, e 27 eram naturais do Rio de Janeiro.

6.3 Material

O material é composto por 24 conjuntos experimentais (sendo cada um com 4 frases distintas), além de 48 sentenças distratoras, totalizando 72 frases randomizadas no experimento. As frases foram distribuídas em 4 listas diferentes, utilizando a técnica do quadrado latino.

As listas foram enviadas para os participantes de forma aleatória, de maneira que cada lista foi respondida por pelo menos 6 participantes de cada estado.

6.4 Procedimentos

Para a aplicação do experimento, os links foram enviados para os participantes que o realizaram remotamente, através de um computador pessoal. Os participantes receberam inicialmente todas as instruções de como realizar o experimento. Após as instruções, foi

aplicada uma etapa de testes para que o sujeito sinta segurança em iniciar o experimento e possa sanar eventuais dúvidas.

Os participantes foram instruídos a ler as frases, em velocidade natural, e a apertar apenas as teclas indicadas, para mudar de tela, e para responder às perguntas. As frases apareciam em escrito, de modo não-cumulativo, na cor preta, em fundo branco. Cada segmento do enunciado ocupava uma única linha, e continha uma quantidade aproximada de caracteres.

Após a leitura dos segmentos da frase, a próxima tela continha a pergunta interpretativa sempre relacionada ao verbo da primeira oração e, abaixo, as duas opções de respostas possíveis, sendo sempre *sim* ou *não*, conforme o exemplo:

Frase: *Encontrei você na escola, e lhe avistei depois com pressa.*

Pergunta: *A pessoa foi encontrada na escola?*

Resposta: Sim / Não

Conforme explicado acima, as respostas às perguntas interpretativas não têm relação com fenômeno analisado no segmento crítico. Na análise dos resultados, elas serviram apenas como um medidor da atenção do participante na realização do experimento.

Assim, considerando as discussões desenvolvidas ao longo da pesquisa, bem como o estado da arte nos estudos sobre o processamento do pronome *lhe*, e tendo como base as hipóteses elencadas neste trabalho, passamos para a análise dos resultados e discussão.

6.5 Hipóteses e Resultados esperados

A fim de realizar a análise dos resultados do experimento, tomamos como ponto de partida as hipóteses levantadas no início desta pesquisa, que relembramos a seguir:

- a. a forma pronominal *lhe* apresenta uma variação dialetal entre falantes do Rio de Janeiro e da Paraíba;
- b. a função referencial do pronome *lhe* é processada de forma semelhante nas duas comunidades de fala;
- c. o pronome *lhe* é processado de forma distinta, no nível sintático, entre falantes dos dois estados analisados;
- d. fatores de natureza sociolinguística podem influenciar o processamento das estruturas linguísticas analisadas.

Assim, considerando as discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho, bem como o estado da arte nos estudos sobre o processamento do clítico *lhe*, e tendo como base as hipóteses elencadas, definimos, a seguir, os resultados que esperamos observar no experimento:

- a. que o pronome *lhe* seja processado de forma distinta entre os dois grupos analisados, sendo mais facilmente processado por falantes da Paraíba do que por falantes do Rio de Janeiro. Nesse caso, as médias dos tempos de leitura do segmento crítico serão significativamente menores no grupo da Paraíba do que no grupo do Rio de Janeiro;
- b. comparando os dois estados de origem dos participantes, e partindo do nível discursivo, esperamos que tanto os falantes da Paraíba quanto os falantes do Rio de Janeiro processem de forma semelhante o pronome *lhe* de 2SG e de 3SG. Nesse caso, as médias dos tempos de leitura do segmento crítico nas condições de 2SG (2OD+2OI) e de 3SG (3OD+3OI) serão semelhantes para os dois estados analisados.
- c. que, no grupo da Paraíba, o pronome *lhe* na função de objeto direto seja mais facilmente processado do que na função de objeto indireto. Nesse caso, os tempos de leitura do segmento crítico nas condições 2OD+3OD deverão ser significativamente menores do que os tempos de leitura nas condições 2OI+3OI entre os participantes da Paraíba.
- d. que, no grupo do Rio de Janeiro, o pronome *lhe* na função de objeto indireto seja mais facilmente processado do que na função de objeto direto. Assim, os tempos de leitura do segmento crítico nas condições 2OI+3OI deverão ser significativamente menores do que os tempos de leitura nas condições 2OD+3OD entre os participantes do Rio de Janeiro.

Dessa forma, é esperado que o fator sociolinguístico da variação dialetal, ou seja, o estado de origem dos participantes, interfira no processamento linguístico, de maneira que a interação entre traços discursivo e gramatical, juntamente com o fator regional das amostras, provoquem uma influência significativa no resultado do experimento.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do experimento foram, inicialmente, organizados em uma planilha do Excel e tratados para fins de análise estatística, incluindo o cálculo de médias por condição experimental. Em seguida, os dados foram importados para o software Jamovi, onde foi conduzida uma análise de variância (ANOVA) de medidas repetidas, em que *estado* (Paraíba e Rio de Janeiro) foi o fator grupo – ou inter-sujeitos –, enquanto *pessoa* (2SG e 3SG) e *função* (objeto direto e objeto indireto) formaram os fatores intra-sujeitos.

Na análise da acurácia das respostas às perguntas interpretativas, todos os participantes apresentaram desempenho superior a 75% de acerto. Dessa forma, nenhum participante foi excluído da amostra. Os dados das respostas interpretativas não serão analisados neste trabalho, uma vez que tinham como objetivo apenas servir como controle para aferir o nível de atenção dos participantes durante o experimento.

Organizamos a exposição dos resultados segundo a variável dependente analisada: tempo de leitura do segmento crítico (o segmento que contém “*verbo + pronome lhe*”). Além disso, a fim de verificar possível efeito *Spill-over*, submetemos também o segmento pós crítico à análise de variância, porém não foram encontrados efeitos significativos nesse segmento. Dessa forma, expomos aqui apenas as análises do segmento crítico.

Apresentamos a seguir, primeiramente, as tabelas que demonstram os resultados da ANOVA, e, em seguida, passamos para a exposição dos gráficos relativos a cada um dos resultados apresentados.

No segmento crítico, a ANOVA revelou um efeito principal de *estado*, $F(1, 358) = 5.79$, $p = 0.017$, ou seja, entre os dois grupos (Paraíba e Rio de Janeiro). Esse resultado sugere que o desempenho variou de acordo com a origem geográfica dos participantes, conforme mostra tabela 1:

Tabela 1 - Efeito Inter-Sujeitos

	Soma de Quadrados	gl	Quadrado médio	F	p
Estado	2.39e+6	1	2.39e+6	5.79	0.017
Residual	1.48e+8	358	412818		

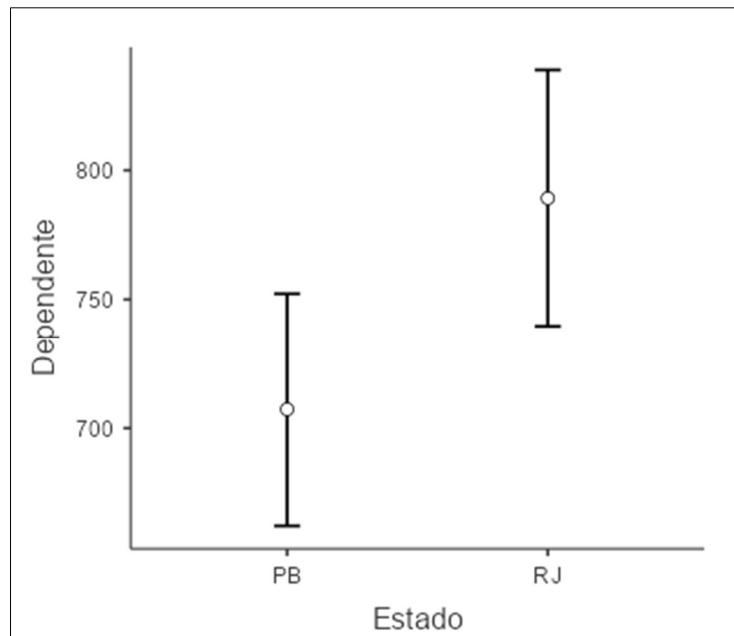
Fonte: Jamovi

Nota: Soma de Quadrados de Tipo 3

Na análise gráfica dos resultados apresentados, o efeito principal de *estado*, ilustrado no

gráfico 1, e discriminado na respectiva tabela 2, indica uma diferença significativa nas médias de tempo de leitura do segmento crítico entre os participantes, com média de 707 milissegundos para os participantes da Paraíba e de 789 milissegundos para os participantes do Rio de Janeiro. Essa diferença pode ser interpretada como reflexo das variações na exposição e no uso do pronome *lhe* entre as comunidades de fala.

Gráfico 1 – Estado



Fonte: Jamovi

Tabela 2 - Médias marginais estimadas (Estado)

Estado	Média	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%	
			Lim. Inferior	Superior
PB	707	22.8	662	752
RJ	789	25.2	740	839

Fonte: Jamovi

Na amostra, o clítico apresenta menor custo de processamento entre os falantes da Paraíba em comparação com os falantes do Rio de Janeiro, o que pode indicar que esse pronome seria um marcador de falares nordestinos, como visto em estudos anteriores (Almeida, 2009; Oliveira, 2020a; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023). Tal resultado confirma a hipótese da variação dialetal entre falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Na tabela 3, reportamos os resultados de “Efeitos Intra-Sujeitos”, onde podemos

verificar que não houve efeito principal de *pessoa* (que se refere à função discursiva do pronome *lhe*), e não houve também interação significativa entre os fatores *pessoa* e *estado*. Por outro lado, é possível verificar que houve efeito principal de *função*, indicando tempos de leitura significativamente diferentes entre as condições com o pronome *lhe* na função de objeto direto e na função de objeto indireto, $F(1, 358) = 10.24, p = 0.001$. Esses dados serão comentados mais adiante.

Na interação entre os fatores *função* e *estado*, assim como na interação entre os fatores *pessoa* e *função*, não foram verificados resultados significativos. Entretanto, houve uma interação significativa entre *pessoa*, *função* e *estado*, $F(1, 358) = 4.13, p = 0.043$, o que indica que a combinação entre os fatores *traço discursivo*, *função do pronome* e *estado de origem do participante* resulta em diferenças no processamento do clítico (dados que também serão comentados mais adiante), conforme tabela 3:

Tabela 3 - Efeito Intra-Sujeitos

	Soma de Quadrados	gl	Quadrado médio	F	p
Pessoa	2887	1	2887	0.0230	0.880
Pessoa * Estado	23552	1	23552	0.1873	0.665
Residual	4.50e+7	358	125714		
Função	1.21e+6	1	1.21e+6	10.2436	0.001
Função * Estado	2984	1	2984	0.0254	0.874
Residual	4.21e+7	358	117635		
Pessoa * Função	27343	1	27343	0.2132	0.645
Pessoa * Função * Estado	529622	1	529622	4.1295	0.043
Residual	4.59e+7	358	128254		

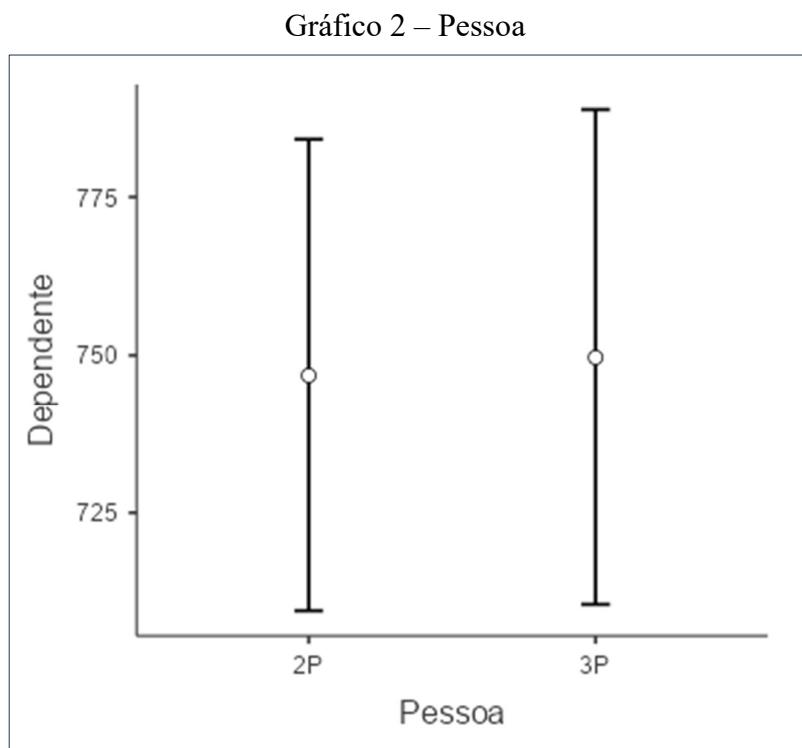
Fonte: Jamovi

Nota. Soma de Quadrados de Tipo 3

Analizando cada um desses resultados individualmente, trazemos a seguir os dados relativos a esses efeitos, iniciando nossas observações pela função discursiva do pronome *lhe*.

Quando analisado isoladamente esse fator, sem se fazer distinção entre os dois grupos, não foi verificado efeito principal de *pessoa*. A ausência de efeito principal, nesse caso, significa que, nas condições em que o pronome *lhe* está no contexto discursivo de 2SG, as médias de tempo de leitura foram semelhantes àquelas em que o pronome figura no contexto discursivo

de 3SG (747 e 750 milissegundos, respectivamente). Esse resultado é ilustrado no gráfico 2, com dados das médias marginais estimadas na tabela 4:



Fonte: Jamovi

Tabela 4 - Médias marginais estimadas (Pessoa)

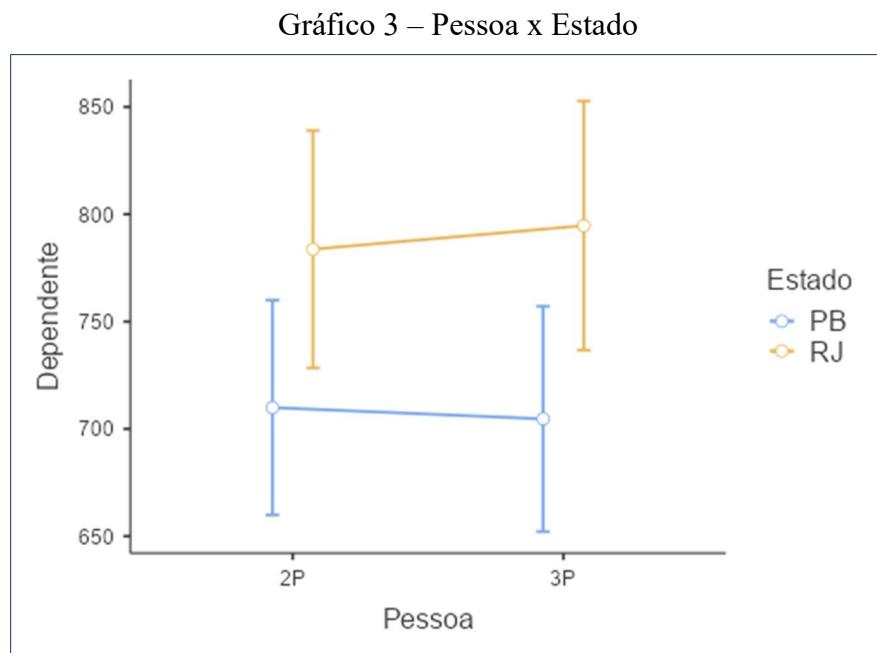
Pessoa	Média	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%	
			Lim. Inferior	Superior
2P	747	19.0	710	784
3P	750	19.9	711	789

Fonte: Jamovi

É possível inferir, a partir desses dados, que não há diferença significativa no processamento da informação para o pronome de 2SG e de 3SG, sendo as duas formas igualmente aceitáveis para os falantes da amostra.

Além disso, na ANOVA de medidas repetidas, não foi demonstrada interação significativa entre as variáveis *pessoa* e *estado*. Nos dois grupos de participantes, o processamento do pronome *lhe* foi semelhante para as funções discursivas analisadas (2SG e 3SG). Nesse sentido, o gráfico 3 compara os resultados dos tempos de leitura do clítico na referência a 2SG e a 3SG, entre os dois grupos (Paraíba e Rio de Janeiro), e a tabela 5 traz as

médias marginais estimadas:



Fonte: Jamovi

Tabela 5 - Médias marginais estimadas (Pessoa x Estado)

Estado	Pessoa	Média	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%	
				Lim. Inferior	Superior
PB	2P	710	25.4	660	760
	3P	705	26.7	652	757
RJ	2P	784	28.1	728	839
	3P	795	29.5	737	853

Fonte: Jamovi

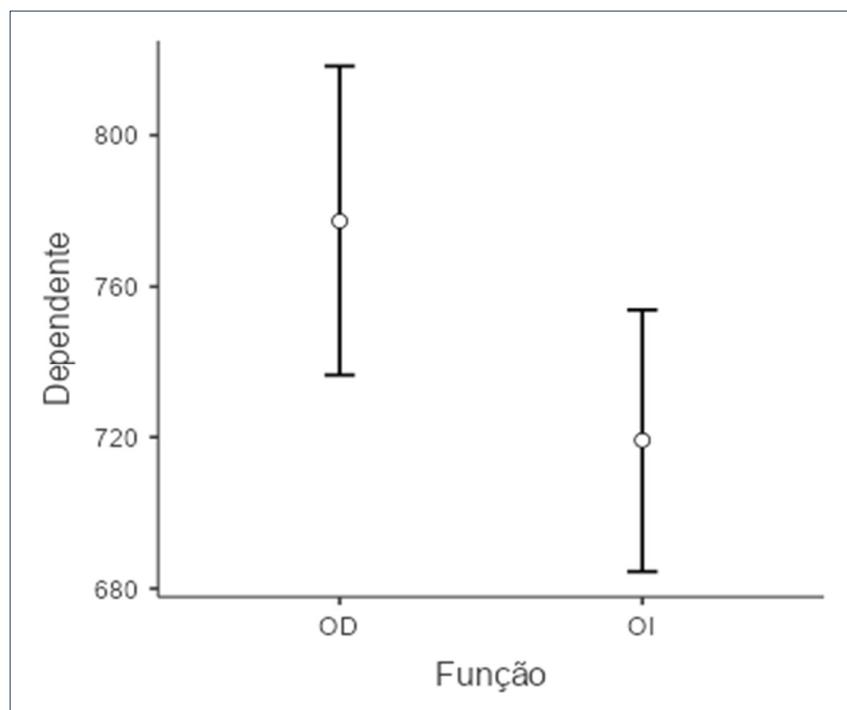
Embora as médias de tempo de leitura do segmento crítico tenham sido menores na amostra da Paraíba em comparação com a do Rio de Janeiro, o padrão se manteve semelhante entre os dois grupos. Isso sugere que os falantes estariam fazendo a leitura do pronome *lhe* com valor de 2SG e de 3SG de maneira similar. Essa simetria nos resultados confirma a hipótese de que a função referencial do pronome *lhe* é processada de forma semelhante nas duas comunidades de fala.

Esse resultado se alinha à perspectiva de Almeida (2009), segundo a qual o uso do clítico *lhe* para referir-se à 2SG assim como à 3SG, constitui um indício de mudança linguística em curso no PB. Tal mudança contribui com o debate sobre a reestruturação do paradigma

pronominal do PB, no sentido de adequar seu modelo teórico às formas efetivamente empregadas pelos falantes.

Com relação à função sintática do pronome *lhe*, as médias de tempo de leitura do segmento crítico nas condições em que o pronome tem função de objeto direto (777 milissegundos) foram significativamente maiores do que nas condições em que o pronome tem função de objeto indireto (719 milissegundos). Esse resultado é observado na amostra total, sem que se faça distinção entre os dois grupos de participantes. O gráfico 4 e a tabela 6 apresentam o resultado, sendo um indicativo de que, independentemente da variação dialetal, a natureza sintática do uso do pronome *lhe* pode afetar o processamento.

Gráfico 4 - Função



Fonte: Jamovi

Tabela 6 – Médias marginais estimadas (Função)

Função	Intervalo de Confiança a 95%				
	Média	Erro-padrão	Lim. Inferior	Superior	
OD	777	20.8	736	818	
OI	719	17.6	684	754	

Fonte: Jamovi

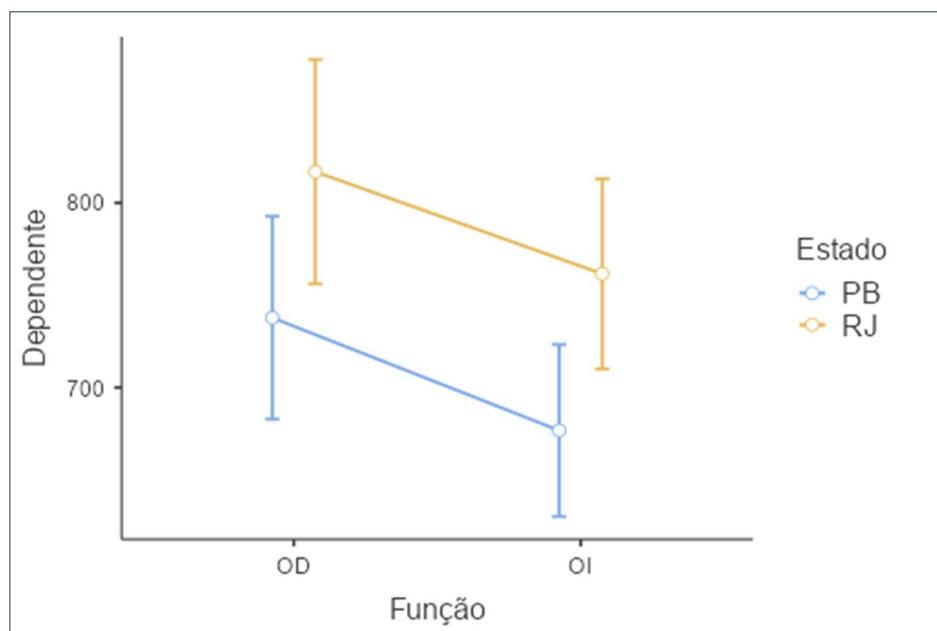
Uma possível explicação para esse efeito principal de *função* está relacionada à estrutura

argumental dos verbos utilizados nas condições experimentais. Nas sentenças que continham verbos bitransitivos, como é o caso daquelas em que o pronome *lhe* tem função de objeto indireto, os complementos verbais tendem a ser processados mais rapidamente do que nas estruturas com verbos monotransitivos. Isso ocorre porque o *parser*¹ antecipa a presença de dois argumentos internos (Bezerra; Leitão, 2012). Podemos deduzir que, ao encontrar um verbo bitransitivo, o *parser* processa mais rapidamente o segmento contendo [verbo + *lhe*], por acionar a expectativa do segundo argumento interno.

Apesar desse resultado na função do pronome *lhe*, a ANOVA não demonstrou diferença significativa na interação entre *função* e *estado*. Ou seja, quando comparados os resultados dos dois grupos, foi verificado que, para os dois estados analisados, o processamento do pronome *lhe* na função de objeto indireto é mais rápido do que na função de objeto direto (gráfico 5).

Portanto, em uma primeira análise, não se confirmou a hipótese de que o pronome *lhe* seria processado de forma distinta, no nível sintático, entre falantes dos dois estados analisados, já que os falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro apresentam um mesmo padrão de processamento do pronome *lhe* no nível sintático (mais lento para o acusativo e mais rápido para o dativo). Essa semelhança é observada no gráfico 5, e respectiva tabela 7, com as médias marginais estimadas:

Gráfico 5 – Função x Estado



Fonte: Jamovi

¹ Segundo Kenedy (2022, p. 266), *parser* é o mecanismo mental responsável por atuar na compreensão de frases por meio da análise de sua estrutura sintática. O autor esclarece que esse tipo de processamento é chamado de *parsing* (termo em inglês que significa “analisar”), razão pela qual o *parser* é por ele chamado de “analisador sintático natural”.

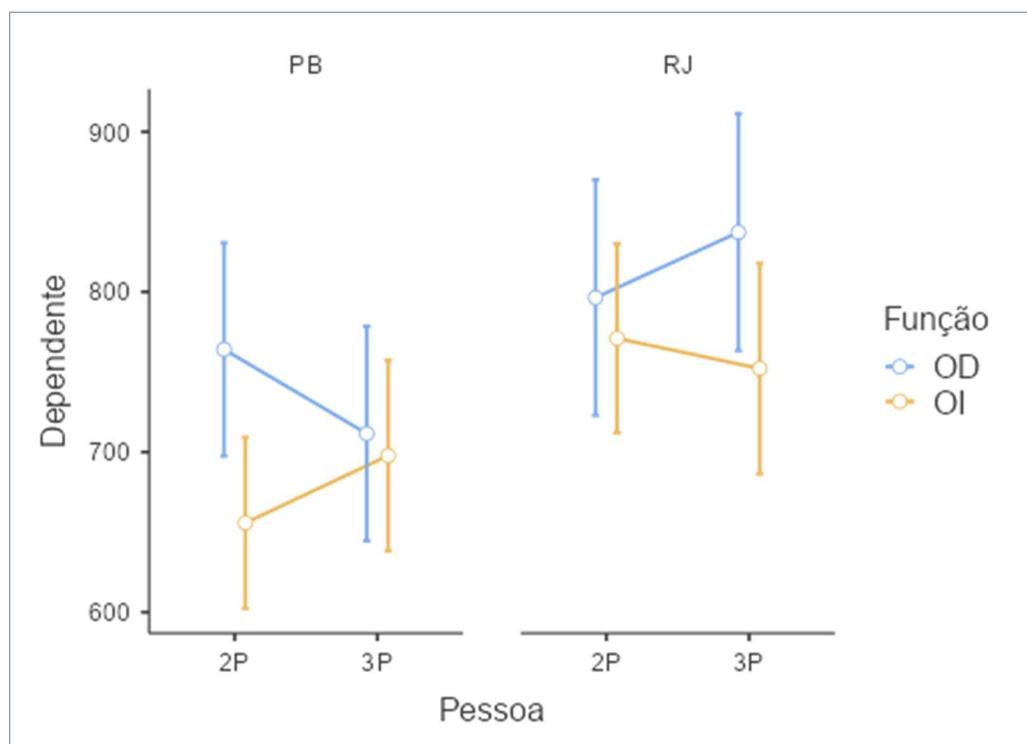
Tabela 7 – Médias marginais estimadas (Função x Estado)

Estado	Função	Média	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%	
				Lim. Inferior	Superior
PB	OD	738	27.9	683	793
	OI	677	23.7	630	723
RJ	OD	817	30.9	756	878
	OI	762	26.2	710	813

Fonte: Jamovi

Embora não se tenha verificado interação significativa de *função* e *estado*, nos chamou a atenção a análise em conjunto das três variáveis do experimento. A ANOVA de medidas repetidas demonstrou interação significativa entre *pessoa*, *função* e *estado*, indicando uma diferença na forma como esses fatores se combinam, o que sugere que há distinções no processamento sintático que somente são observadas quando os diferentes fatores são considerados. Os resultados apenas apresentam efeito significativo quando unimos todos os fatores na análise estatística. Nesse caso, os gráficos dos dois grupos se invertem, apresentando a seguinte composição, exposta no gráfico 6 e respectiva tabela 8:

Gráfico 6 – Pessoa x Função x Estado



Fonte: Jamovi

Tabela 8 – Médias marginais estimadas (Pessoa x Função x Estado)

Estado	Função	Pessoa	Média	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%	
					Lim. Inferior	Superior
PB	OD	2P	764	33.8	698	831
		3P	712	34.1	645	779
	OI	2P	656	27.2	602	709
		3P	698	30.3	638	757
RJ	OD	2P	796	37.4	723	870
		3P	837	37.7	763	911
	OI	2P	771	30.0	712	830
		3P	752	33.5	686	818

Fonte: Jamovi

Entre os falantes da Paraíba, o pronome *lhe* de 3SG parece demandar um custo de processamento semelhante nas funções de objeto direto e de objeto indireto; já o pronome *lhe* de 2SG apresenta uma diferença maior de processamento entre as duas funções sintáticas. As médias de tempo de leitura do segmento crítico nos casos em que o pronome tem função discursiva de 2SG são menores para a função sintática de objeto indireto e maiores para a função sintática de objeto direto.

Com os falantes do Rio de Janeiro, os resultados se invertem: os fluminenses parecem demandar, no pronome *lhe* de 2SG, um custo de processamento semelhante para as funções de objeto direto e de objeto indireto. Por outro lado, no contexto discursivo de 3SG, o pronome *lhe* é processado de maneira diferente nas funções de objeto direto e de objeto indireto. Nesse caso as médias de tempo de leitura do segmento crítico são menores para a função sintática de objeto indireto, no contexto de 3SG, aproximando-se da norma padrão.

Essa verificação vai na direção da hipótese de que fatores de natureza sociolinguística podem influenciar o processamento das estruturas linguísticas analisadas, uma vez que ficou demonstrado que o conjunto das variáveis analisados (função referencial do pronome, função sintática e estado de origem do participante) interferiu na dinâmica de análise estrutural dessas sentenças.

8 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a influência da variação diatópica no processamento do pronome clítico *lhe* com base em dados experimentais obtidos por meio da tarefa de leitura automonitorada em duas diferentes comunidades de fala do Português Brasileiro: Paraíba e Rio de Janeiro. A fundamentação teórica buscou, a partir da interface da Sociolinguística Variacionista com a Psicolinguística Experimental, analisar os principais aspectos da variação regional e suas possíveis implicações no processamento das estruturas linguísticas, em especial do clítico *lhe*.

O estudo do sistema pronominal nas gramáticas normativas e descritivas nos permite concluir que há diferenças importantes entre o uso efetivo dos clíticos e a sua prescrição normativa. Enquanto as gramáticas tradicionais, em regra, preceituam que o pronome *lhe* tem função referencial de 3SG e função sintática de objeto indireto, as gramáticas descritivas afirmam que, no uso da língua, essas funções não se observam: há uma ocorrência significativa do pronome *lhe* no contexto discursivo de 2SG, e na função sintática de objeto direto. Bagno (2020) destaca, ainda, que, mesmo em comunidades linguísticas em que o sujeito mais empregado é *tu*, o pronome *lhe* aparece, contrariando a percepção de que esse uso estaria reservado apenas para os contextos em que o termo “você” é operado.

Com o amparo da Sociolinguística Variacionista, e na perspectiva de analisarmos a variação dialetal no uso do pronome *lhe* entre falantes de diferentes regiões, destacamos dois estudos sociolinguísticos sobre o clítico, em que foi considerado o estado de origem do falante como ponto central da pesquisa. Com base nesses trabalhos, foi possível observar que, no Nordeste do país, há uma tendência de o pronome *lhe*, no nível discursivo, migrar da 3SG para a 2SG, e que, no nível gramatical, o *lhe* é frequentemente usado como expressão do objeto direto (Almeida, 2009; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023).

Nesse sentido, discutimos, do ponto de vista do processamento linguístico, as possíveis diferenças demonstradas na interação entre os fatores discursivo, gramatical e regional, relacionados ao uso do clítico *lhe*. O diálogo entre a Psicolinguística Experimental e a Sociolinguística, neste trabalho, permitiu a inclusão da variação diatópica no delineamento experimental, conduzindo a análise sobre o processamento do pronome *lhe*.

Explorando a interface entre processamento e variação, Marcilese (2022) considera que tanto a língua quanto a sociedade fazem parte do conhecimento interiorizado na mente dos indivíduos. Para a autora, o conhecimento social e o conhecimento linguístico são dois

domínios que possuem natureza cognitiva. Dessa forma, ela traz o conceito de “cognição social” como as “representações mentais vinculadas à estrutura e funcionamento da vida em sociedade”, e propõe que representações sociais internalizadas exercem influência no processamento sintático (Marcilese, 2022, p. 148). De fato, os resultados desta pesquisa mostram que a interação entre fatores de natureza sociolinguística e os fatores gramaticais e discursivos podem influenciar de forma significativa o processamento linguístico.

Na exposição do estado da arte, trazemos a pesquisa de Lacerda (2014) sobre a variação dialetal do uso da anáfora *se*, entre falantes de PB nativos de Minas Gerais e da Paraíba. Nesse trabalho, ficou demonstrado que a sintaxe interage com a variação dialetal na resolução da correferência, o que sugere que os parâmetros internos da língua são sensíveis às diferenças regionais no uso da linguagem.

A fim de investigar as hipóteses aqui levantadas, realizamos o experimento focalizando no processamento do pronome *lhe* e buscamos analisar a interação das variáveis nos âmbitos discursivo, gramatical e regional, entre os participantes dos estados da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Os resultados mostraram, na ANOVA de medidas repetidas, um efeito principal de *estado*, ou seja, entre os dois grupos (Paraíba e Rio de Janeiro). Os falantes da Paraíba apresentaram menor custo de processamento do pronome *lhe*, em comparação com os falantes do Rio de Janeiro. Consideramos que esse resultado se deve ao fato de o clítico ser um marcador de falares nordestinos, o que confirma a hipótese da variação dialetal entre falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Não se observou efeito principal de *pessoa*, ou seja, os participantes dos dois grupos fizeram a leitura de 2SG e de 3SG de forma semelhante. Esse resultado também confirma a hipótese de que a função referencial do pronome *lhe* é processada de forma semelhante nas duas comunidades de fala. Falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro não fazem distinção, portanto, da função referencial do pronome *lhe* de 2SG e de 3SG, sendo as duas interpretações do uso do clítico aceitáveis na amostra.

O emprego do pronome *lhe* no contexto discursivo de 2SG também foi observado em outros trabalhos sobre o clítico, que se basearam em dados de *corpora*, assim como nas análises presentes nas gramáticas descritivas (Almeida, 2009; Oliveira, 2020b; Bagno, 2020; Rodrigues, 2007; Rodrigues 2018). Conclui-se, portanto, que essa forma de uso já se encontra amplamente sedimentada no sistema pronominal do PB, o que reforça a necessidade de uma reavaliação da norma-padrão à luz das práticas efetivas de uso da língua.

Com relação à função sintática do pronome, foi demonstrado efeito principal entre as

funções de objeto direto e de objeto indireto. As médias de tempo de leitura do segmento crítico nas condições em que o pronome tem função de objeto direto foram significativamente maiores do que nas condições em que o pronome tem função de objeto indireto. Esse resultado pode ser explicado pela estrutura argumental dos verbos utilizados nas condições experimentais. Conforme explicam Bezerra e Leitão (2012), em sentenças com verbos bitransitivos, o *parser* antecipa a presença de dois argumentos internos, e processa mais rapidamente o primeiro argumento buscando o segundo argumento interno. Ou seja, o leitor pode ter processado mais rapidamente o segmento crítico nas condições em que o pronome tinha função de objeto indireto, porque o verbo em que o pronome se ligava era um verbo bitransitivo.

Quanto à interação entre *função* e *estado*, a ANOVA não demonstrou diferença significativa. Ou seja, quando comparados os resultados dos dois grupos, os falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro apresentam um mesmo padrão de processamento sintático do clítico, com tempos de leitura menores para a função de objeto indireto, em consonância com a norma-padrão. Por esse motivo, consideramos que não se confirmou a hipótese de que pronome é processado de forma distinta, no nível sintático, entre falantes dos dois estados.

Entretanto, ao analisar a interação entre *pessoa*, *função* e *estado*, observamos que houve diferença significativa na forma como esses fatores se estabelecem, indicando que a combinação entre os fatores *traço discursivo*, *função do pronome* e *estado de origem do participante* resulta em padrões distintos de processamento entre falantes da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Se destacarmos, por exemplo, o pronome *lhe* de 3SG, veremos que: os falantes da Paraíba, apresentam médias de tempos semelhantes no processamento do *lhe* para as funções de objeto direto e de objeto indireto. Por outro lado, os falantes do Rio de Janeiro, processam o pronome *lhe* de 3SG com médias de tempos diferentes para as funções de objeto direto e de objeto indireto, apresentando valores menores nos casos em que o pronome tem função de objeto indireto, o que vai na direção das gramáticas normativas. Esses resultados confirmam a hipótese de que os fatores de natureza sociolinguística podem influenciar o processamento das estruturas linguísticas.

Concluímos que, assim como considera Marcilese (2022), o conhecimento social tem uma dimensão cognitiva, com consequências observáveis no processamento das estruturas linguísticas. O aspecto sociolinguístico da variação dialetal, ou seja, o estado de origem dos participantes, interfere no processamento linguístico, de maneira que a interação entre traços discursivo e grammatical, juntamente com o fator regional das amostras, provocam uma diferença significativa nos resultados analisados.

Com este trabalho, buscamos contribuir para as discussões sobre a interface entre processamento e variação linguística. Esperamos que os dados aqui apresentados possam servir de base para investigações futuras que explorem mais formas de variação linguística, como a escolaridade, faixa etária ou grau de formalidade do contexto comunicativo, entre outras, e seus possíveis efeitos no processamento linguístico.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B.; GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.) **Gramática do Português Falado: estudos descritivos**. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, p. 267-312, 2002.
- ALMEIDA, G. S. Uso dos Pronomes-Objetos de Segunda na Fala de Salvador e de Santo Antônio de Jesus. **Veredas**, v. 20, n. 2, p. 122-135, 2002.
- ALMEIDA, G. S. **Quem te viu quem lhe vê**: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador. 2009. Tese (Mestrado em linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ALMEIDA, W. C. **Não chame de erro o que a linguística chama variação**: processamento de variação linguística e de agramaticalidade no âmbito da concordância verbal variável. Belo Horizonte: Rev. Estud. Ling., 2023. v. 31, n. 2, p. 510-550.
- ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. **Variação no uso de pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de estudantes Itabaianenses**. Paraguaçu, 2021. v. 1, n. 1, p. 146-167.
- ARAÚJO, F. J. N. de; CARVALHO, H. M. de. TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses. In: **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, 2015. p. 62-80.
- ARRUDA, N. C. **A Realização do Objeto Direto no Português Brasileiro Culto Falado**: um estudo sincrônico. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.
- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEZERRA, G. B.; LEITÃO, M. M. Enfoque estrutural do parsing de argumentos e adjuntos. **Letrônica** v. 5, n. 3, p. 45-66, jul./dez. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BRETAS, L. J. V. L.; OLIVEIRA, C. S. F.; SÁ, T. M. M. **A Produção de Pronomes Oblíquos Átonos de Terceira Pessoa**: A Sensibilidade de Estudantes do Ensino Médio aos Contextos de Uso dos Clíticos. 2024.
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CAMARGO Jr., A. R. **A realização do objeto direto em referência ao interlocutor**. 2007.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-03032008-114747/pt-br.php>>. Acesso em: 02 fev. 2025.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. In: **DELTA**, 2003, v. 19, n. 1, p. 91-122.

CASAGRANDE, S. A aquisição de clíticos acusativos e o objeto nulo no PB. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 341-370, 2006.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 141- 155.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris 1981.

CYRINO, S. **O objeto nulo no Português do Brasil**: um estudo sintático diacrônico. 1994. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 1994.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, M. A.; ROBERTS, clíticos. In: KATO, M. A.; ROBERTS, I. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1996. p.163-185.

CYRINO, S. Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 38, p. 31-47, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017, 800 p.

D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. **Tempo Brasileiro**, 1984, p. 97-121.

DALTO, C. D. de L. **Estudo Sociolinguístico dos Pronomes-Objetos de Primeira e de Segunda Pessoas nas Três Capitais do Sul do Brasil**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

DIVJAK, D.; CALDWELL-HARRIS, C. L. Frequency and entrenchment. In: DABROWSKA, E; DIVJAK, D. (Eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 53-75.

FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na fala e na escrita brasileira e lusitana**. 2005. Tese (doutorado em linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FREITAG, R.; SAVEDRA, M. M. G. **Mobilidades e contatos linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2023. 262 p.

FREITAG, R.; SOTO, M. Processamento da variação linguística: desafios para integrar

aquisição, diversidade e compreensão em um modelo de língua. In: **Revista Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 1-36, 2023.

GAMA, D. E. R. S. O uso variável dos clíticos para referenciar o interlocutor. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS**, v. 19, n. 2, p. 102-115, 2018.

ILARI, Rodolfo. Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

KATO, M.; RAPOSO, E. **Objec(c)tos e artigos nulos**: similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. In: MOURA, D. (org.): **Reflexões sobre a sintaxe do português**. Maceió: Edufal, 2005.

KENEDY, Eduardo **Curso básico de linguística gerativa**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022, 301 p.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 392p.

LEMLE, M. **Análise sintática**: teoria geral e descrição do português. São Paulo: Ática, 1984.

LEITÃO, M. M. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário (org.). **Manual de linguística**. 2ª ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2012. p.217-234.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 49ª ed. São Paulo: Jose Olympio Editora. 2011, 650p.

MACHADO-ROCHA. **Fala espontânea: estudantes do Ensino Médio de Belo Horizonte**. Corpus inédito, 2013

MATOS, D. P., **O Pronome lhe: seu funcionamento na estrutura frásica**. Dissertação (Mestrado em linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

MARCILESE, M. Processamento da variação e variação no processamento. In: MAIA, M. (org.). **Psicolinguística: Diversidades, Interfaces e Aplicações**. São Paulo: Editora Contexto, 2022, v. 1, p. 142-157.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2020.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCIMENTO, M. E. P. **A sintaxe do clítico lhe no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2010 Disponível em:

<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/548/1/tese_mariaednaporangabandonascimento_2010.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

NUNES, J. De clítico à concordância: o caso dos acusativos de terceira pessoa em português brasileiro. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 57, n. 1, p. 61-84, 2023.

OLIVEIRA, C. Métodos on-line em psicolinguística: a tarefa labirinto (maze task). **Caderno de Tradução**, v. 40, n. esp2, p. 217-248, 2020. DOI: 10.5007/2175-7968.2020v40nesp2p217.

OLIVEIRA, M. B.; LIMA, A. F.; RAZKY, A. Palatalização de l diante de i no português brasileiro. 2 ed., **Montevideo**: Linguística. 2016, p. 63-72.

OLIVEIRA C.; MACHADO-ROCHA, R. The acceptability of clitic and tonic accusative 3rd person pronouns in written Brazilian Portuguese. **Revista Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**. v. 19, edição especial, p. 197-218, 2017.

OLIVEIRA, C.; MARCILESE, M.; LEITÃO, M.; Leitura Autocadenciada (com e sem labirinto): histórico e reflexões metodológicas. In: OLIVEIRA, C.; SÁ, T. (org). **Métodos experimentais em psicolinguística**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2022. p. 40-54.

OLIVEIRA, C.; SÁ, T. Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade. **Revelo**. v. 5, p 1-20, 2013.

OLIVEIRA, C. S. F; SÁ, T. M. M.; VIEGAS, J. B.; MOURA, A. B. M.; GONÇALVES, M. C. O.; ARAÚJO, E. T. C. Uma Exploração da Aceitabilidade de Diferentes Colocações Pronominais No Português do Brasil. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, vol.22, no 2 2022.

OLIVEIRA, C.; WEISSHEIMER, J. Aceitabilidade de pronomes clíticos e treinamento linguístico na 11 usando a tarefa labirinto com indivíduos de alta escolaridade. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, 2023. DOI: 10.21680/1517-7874.2023v25n1ID29977.

OLIVEIRA, Thiago L. O Processamento dos clíticos te e lhe no Português Brasileiro: a contraparte cognitiva da variação. **Linguística**, Rio de Janeiro, vol. 36-2, p. 89-106. 2020a

OLIVEIRA, Thiago L. A frequência e o processamento dos clíticos de 2SG: uma análise experimental com rastreador ocular. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 99-118, 2020b

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, C. M. A. **O clítico de 3 pessoa**: um estudo comparativo português brasileiro /

espanhol peninsular. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

RODRIGUES, B. A. **Estudo descritivo dos usos do clítico lhe na variedade formal do português**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2007.

RODRIGUES, L. S. **O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018

SÁ, T. M. M.; BRETAS, L. J. V. L.; VIEGAS, J. B.; OLIVEIRA, C. S. F. **Clíticos acusativos e dativos de 3^a pessoa em PB**: um estudo de julgamento de aceitabilidade e de produção por teste cloze. 2023.

SANTANA, J. C. D. **Todos os caminhos levam a Feira de Santana**: uma viagem socio linguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

SCHERRE, M. M.; DUARTE, M. E. L. Main current processes of morphosyntactic variation. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds.) **The Handbook of Portuguese Linguistics**. John Wiley & Sons, Inc., 2016, p. 526-544.

SIQUEIRA, M.; SOUZA, M. D. A. F.; RODRIGUES F. G. C. Sistematizando padrões dialetais morfossintáticos: mobilidade e contato. In: FREITAG, R.; SAVEDRA, M. M. G. **Mobilidades e contatos linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2023. p. 165-185.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'álem-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M.. (Orgs.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 35-68.

VEADO, R. M. A. **O Comportamento linguístico do dialeto rural**. UFMG/PROED, vol. 6, 1982.

VILAS BOAS, C. M. S.; HUNHOFF, E. D. C. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social. **Revista Moinhos**, n. 4, p. 108–126, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2486>>. Acesso em: 10 ago 2024.

ZEHR, J.; SCHWARZ, F. **Penn Controller for Internet Based Experiments (IBEX)**, 2018.

APÊNDICE A – CONJUNTO EXPERIMENTAL

1. AVISTAR/RESPONDER	
2OD(1a):	Encontrei você na escola, e também lhe avistei depois com pressa.
3OD(1b):	Encontrei ela na escola, e também lhe avistei depois com pressa.
2OI(1c):	Encontrei você na escola, e também lhe respondi depois as perguntas.
3OI(1d):	Encontrei ela na escola, e também lhe respondi depois as perguntas.

2. ABRAÇAR/ENTREGAR	
2OD(2a):	Observei você no parque, por isso lhe abracei de manhã com amor.
3OD(2b):	Observei ela no parque, por isso lhe abracei de manhã com amor.
2OI(2c):	Observei você no parque, por isso lhe entreguei de manhã a carta.
3OI(2d):	Observei ela no parque, por isso lhe entreguei de manhã a carta.

3. NOMEAR/MANDAR	
2OD(3a):	Avisei a você na reunião, portanto lhe nomeei em seguida formalmente.
3OD(3b):	Avisei a ela na reunião, portanto lhe nomeei em seguida formalmente.
2OI(3c):	Avisei a você na reunião, portanto lhe mandei em seguida a documentação.
3OI(3d):	Avisei a ela na reunião, portanto lhe mandei em seguida a documentação.

4. VER/COMPRAR	
2OD(4a):	Avistei você no mercado, mas também lhe notei mais tarde no hotel.
3OD(4b):	Avistei ela no mercado, mas também lhe notei mais tarde no hotel.
2OI(4c):	Avistei você no mercado, mas também lhe comprei mais tarde a mercadoria.
3OI(4d):	Avistei ela no mercado, mas também lhe comprei mais tarde a mercadoria.

5. AGUARDAR/TRAZER	
2OD(5a):	Cumprimentei você na loja, e também lhe aguardei depois com paciência
3OD(5b):	Cumprimentei ela na loja, e também lhe aguardei depois com paciência.
2OI(5c):	Cumprimentei você na loja, e também lhe trouxe depois o pedido.
3OI(5d):	Cumprimentei ela na loja, e também lhe trouxe depois o pedido.

6. ESCUTAR/ENVIAR	
2OD(6a):	Reconheci você no trabalho, portanto lhe escutei hoje com atenção.
3OD(6b):	Reconheci ela no trabalho, portanto lhe escutei hoje com atenção.
2OI(6c):	Reconheci você no trabalho, portanto lhe enviei hoje o relatório.

3OI1(6d):	Reconheci ela no trabalho, portanto lhe enviei hoje o relatório.
------------------	--

7. CONDUZIR/PEDIR	
2OD(7a):	Achei você no shopping, e também lhe conduzi em seguida com segurança.
3OD(7b):	Achei ela no shopping, e também lhe conduzi em seguida com segurança.
2OI(7c):	Achei você no shopping, e também lhe pedi em seguida o produto.
3OI1(7d):	Achei ela no shopping, e também lhe pedi em seguida o produto.

8. COMPREENDER/PASSAR	
2OD(8a):	Escutei você na palestra, e também lhe compreendi no momento com perfeição.
3OD(8b):	Escutei ela na palestra, e também lhe compreendi no momento com perfeição.
2OI(8c):	Escutei você na palestra, e também lhe passei no momento a informação.
3OI1(8d):	Escutei ela na palestra, e também lhe passei no momento a informação.

9. CUMPRIMENTAR/PERGUNTAR	
2OD(9a):	Encontrei você na biblioteca, mas também lhe cumprimentei a noite com calma.
3OD(9b):	Encontrei ela na biblioteca, mas também lhe cumprimentei a noite com calma.
2OI(9c):	Encontrei você na biblioteca, mas também lhe perguntei a noite o endereço.
3OI1(9d):	Encontrei ela na biblioteca, mas também lhe perguntei a noite o endereço.

10. OBSERVAR/APRESENTAR	
2OD(10a):	Revi você no restaurante, e então lhe observei depois com atenção.
3OD(10b):	Revi ela no restaurante, e então lhe observei depois com atenção.
2OI(10c):	Revi você no restaurante, e então lhe apresentei depois o chef.
3OI1(10d):	Revi ela no restaurante, e então lhe apresentei depois o chef.

11. PRESENTEAR/DEVOLVER	
2OD(11a):	Avistei você na praça, e então lhe presenteei a tarde com carinho.
3OD(11b):	Avistei ela na praça, e então lhe presenteei a tarde com carinho.
2OI(11c):	Avistei você na praça, e então lhe devolvi a tarde o livro.
3OI1(11d):	Avistei ela na praça, e então lhe devolvi a tarde o livro.

12. SEGUIR/ APONTAR	
2OD(12a):	Notei você na festa, por isso lhe segui depois no caminho.
3OD(12b):	Notei ela na festa, por isso lhe segui depois no caminho.
2OI(12c):	Notei você na festa, por isso lhe apontei depois o caminho.

3OI1(12d):	Notei ela na festa, por isso lhe apontei depois o caminho.
-------------------	--

13. BUSCAR/EXPLICAR	
2OD(13a):	Encontrei você no teatro, e também lhe busquei em seguida com pressa.
3OD(13b):	Encontrei ele no teatro, e também lhe busquei em seguida com pressa.
2OI(13c):	Encontrei você no teatro, e também lhe expliquei em seguida a cena.
3OI1(13d):	Encontrei ele no teatro, e também lhe expliquei em seguida a cena.

14. ESPERAR/OFERECER	
2OD(14a):	Vi você no museu, então lhe esperei depois na fila.
3OD(14b):	Vi ele no museu, então lhe esperei depois na fila.
2OI(14c):	Vi você no museu, então lhe ofereci depois o catálogo.
3OI1(14d):	Vi ele no museu, então lhe ofereci depois o catálogo.

15. CHAMAR/DAR	
2OD(15a):	Conversei com você no corredor, mas também lhe chamei a noite de novo.
3OD(15b):	Conversei com ele no corredor, mas também lhe chamei a noite de novo.
2OI(15c):	Conversei com você no corredor, mas também lhe mostrei a noite o endereço.
3OI1(15d):	Conversei com ele no corredor, mas também lhe mostrei a noite o endereço.

16. RECONHECER/RECOMENDAR	
2OD(16a):	Vi você na livraria, e também lhe reconheci depois pela foto.
3OD(16b):	Vi ele na livraria, e também lhe reconheci depois pela foto.
2OI(16c):	Vi você na livraria, e também lhe recomendei depois o livro.
3OI1(16d):	Vi ele na livraria, e também lhe recomendei depois o livro.

17. DEIXAR / PAGAR	
2OD(17a):	Levei você ao cinema, e também lhe deixei depois em casa.
3OD(17b):	Levei ele ao cinema, e também lhe deixei depois em casa.
2OI(17c):	Levei você ao cinema, e também lhe paguei depois a conta.
3OI1(17d):	Levei ele ao cinema, e também lhe paguei depois a conta.

18. RECEBER/ENSINAR	
2OD(18a):	Encontrei você na academia, e também lhe recebi a noite em casa.
3OD(18b):	Encontrei ele na academia, e também lhe recebi a noite em casa
2OI(18c):	Encontrei você na academia, e também lhe ensinei a noite os exercícios.
3OI1(18d):	Encontrei ele na academia, e também lhe ensinei a noite os exercícios.

19. ENCONTRAR/CONTAR	
2OD(19a):	Conversei com você na fila, quando lhe encontrei de manhã no cinema.
3OD(19b):	Conversei com ele na fila, quando lhe encontrei de manhã no cinema.
2OI(19c):	Conversei com você na fila, quando lhe contei de manhã o segredo.
3OI1(19d):	Conversei com ele na fila, quando lhe contei de manhã o segredo.

20. ACOMPANHAR/DIZER	
2OD(20a):	Falei com você no hospital, e também lhe acompanhei naquele dia com calma.
3OD(20b):	Falei com ele no hospital, e também lhe acompanhei naquele dia com calma.
2OI(20c):	Falei com você no hospital, e também lhe disse naquele dia a verdade.
3OI1(20d):	Falei com ele no hospital, e também lhe disse naquele dia a verdade.

21. ACORDAR/PROPOR	
2OD(21a):	Vi você no quarto, então lhe acordei depois com paciência.
3OD(21b):	Vi ele no quarto, então lhe acordei depois com paciência.
2OI(21c):	Vi você no quarto, então lhe propus depois um passeio.
3OI1(21d):	Vi ele no quarto, então lhe propus depois um passeio.

22. ANALISAR/COBRAR	
2OD(22a):	Cumprimentei você na rua, quando lhe analisei na hora com atenção.
3OD(22b):	Cumprimentei ele na rua, quando lhe analisei na hora com atenção.
2OI(22c):	Cumprimentei você na rua, quando lhe cobrei na hora a dívida.
3OI1(22d):	Cumprimentei ele na rua, quando lhe cobrei na hora a dívida.

23. EXAMINAR/PRESCREVER	
2OD(23a):	Deixei você na farmácia, e também lhe examinei depois com calma.
3OD(23b):	Deixei ele na farmácia, e também lhe examinei depois com calma.
2OI(23c):	Deixei você na farmácia, e também lhe prescrevi depois a receita.
3OI1(23d):	Deixei ele na farmácia, e também lhe prescrevi depois a receita.

24. CONHECER/CONCEDER	
2OD(24a):	Observei você na festa, mas somente lhe conheci depois na igreja.
3OD(24b):	Observei ele na festa, mas somente lhe conheci depois na igreja.
2OI(24c):	Observei você na festa, mas somente lhe concedi depois a dança.
3OI1(24d):	Observei ele na festa, mas somente lhe concedi depois a dança.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Participante,

Nossa pesquisa, intitulada de: “PROCESSAMENTO DO PRONOME ÁTONO LHE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: COMPARANDO DADOS DA PARAÍBA E RIO DE JANEIRO”, está sendo realizada no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB - CCHLA/UFPB, e desenvolvida por Milena Magalhães Gomes (CPF: 076.301.874-08), pesquisadora principal, aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com endereço de e-mail: milenamagalhaes.adv@gmail.com, e telefone: (83) 98862-6124; e sob a orientação da Professora Doutora Rosana Costa de Oliveira, professora com vínculo profissional na UFPB, endereço de e-mail: rosanaufpb@gmail.com, e telefone: (83) 98114-1353.

O **objetivo primário** da pesquisa é: Analisar a influência do fator diatópico no processamento do pronome clítico lhe entre comunidades de fala do PB nas variantes da Paraíba e do Rio de Janeiro. E os **objetivos secundários** são os seguintes: I. Verificar se a variação do traço semântico do pronome lhe de 3SG para 2SG ocorre de forma semelhante nos dois Estados analisados; II. Verificar se o pronome lhe no contexto discursivo de 2^aSG apresenta traço gramatical de caso dativo ou acusativo; III. Verificar se o pronome lhe no contexto discursivo de 3^aSG apresenta traço gramatical de caso dativo ou acusativo; IV. Verificar se a variação do traço gramatical do pronome lhe de dativo para acusativo ocorre de forma semelhante nos dois Estados analisados.

Esta pesquisa oferece riscos mínimos aos participantes, tendo em vista que envolve a aplicação de um Experimento (teste) on-line sobre Processamento Linguístico de frases e uma pergunta interpretativa ao final de cada frase, que serão feitos pelos participantes mediante o uso de computador próprio no conforto de sua casa. As respostas serão computadas de maneira anônima, isto é, não serão coletadas nenhuma informação de identificação específica. Além disso, vale salientar que as informações a serem obtidas por meio do teste on-line e da pergunta interpretativa serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e somente a equipe diretamente envolvida no estudo terá acesso a esses dados. Caso haja qualquer tipo de nervosismo ou ansiedade no momento da realização do experimento, o participante poderá interromper a atividade imediatamente.

No tocante aos benefícios, a presente pesquisa ajudará a Linguística Brasileira a

entender como as pessoas processam mentalmente a leitura e quais fatores podem interferir nesse processo, contribuindo para a construção do conhecimento, para a formação do arcabouço teórico em pesquisas sobre processamento linguístico, e para a universalidade dos estudos experimentais de leitura automonitorada.

Para a realização, será disponibilizado um link de acesso a partir do qual o participante irá proceder conforme as instruções apresentadas no próprio teste. Nossa foco é em adultos entre 18 e 40 anos, igualmente distribuídos entre sexo masculino e feminino, naturais dos dois estados analisados, Paraíba e Rio de Janeiro. A participação na pesquisa é voluntária, por isso não haverá nenhuma compensação monetária. Dada a circunstância da participação ser de caráter único e totalmente voluntário, esta poderá ser interrompida a qualquer momento. A decisão de participação não afeta a participação atual ou futura em grupos de pesquisa ou instituições de ensino, mas ajudará a Ciência Brasileira a entender como as pessoas processam mentalmente a leitura e quais fatores podem interferir nesse processo. Ressaltamos que as informações a serem obtidas por meio do teste on-line serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e somente a equipe diretamente envolvida no estudo terá acesso a esses dados.

Ao final da pesquisa, será enviado, para cada participante, um documento com o resultado da pesquisa. Além disso, os pesquisadores estarão à disposição, para qualquer esclarecimento que o participante considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa. Caso haja necessidade de maiores informações, ou de eventual auxílio na realização do experimento, será prestada assistência através do contato com a Pesquisadora Principal, Milena Magalhães Gomes, via e-mail, ou telefone – informados acima.

Os dados para contato do Comitê de Ética responsável pela análise do protocolo de pesquisa são os seguintes: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB; telefone: (83) 3216-779, endereço de e-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br, horário de funcionamento: 07:00 às 12:00 e das 13:00 às 16:00 hs, coordenadora: Eliane Marques Duarte de Sousa.

A partir do entendimento da nossa proposta de pesquisa, gostaríamos de contar com a sua colaboração para o desenvolvimento do nosso estudo e, havendo concordância, receber o vosso consentimento.

CONSENTIMENTO PARA A PARTICIPAÇÃO

Eu estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Estou ciente de que recebi uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante

COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, Milena Magalhães Gomes, discuti todas as questões relacionadas ao projeto de pesquisa com cada participante deste estudo, e comprometo-me a enviar o resultado da pesquisa para cada um deles. É meu dever possibilitar que cada indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.



Milena Magalhães Gomes

Assinatura da Pesquisadora Principal

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROCESSAMENTO DO PRONOME ÁTONO LHE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: COMPARANDO DADOS DA PARAÍBA E RIO DE JANEIRO

Pesquisador: MILENA MAGALHÃES GOMES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 86261925.3.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.454.379

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um protocolo de pesquisa egresso do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING - PROJETO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA, do CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA, da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, da aluna MILENA MAGALHÃES GOMES, sob orientação da Profª. Rosana Costa de Oliveira.

O presente trabalho objetiva analisar a influência do fator regional (diatópico) no processamento do pronome clítico lhe entre comunidades de fala do Português Brasileiro – PB, nas variantes da Paraíba e do Rio de Janeiro. A pesquisa parte da ótica do processamento linguístico, mas também considera o fator da sociolinguística variacionista, a fim de apontar potenciais diferenças de usos do pronome lhe entre os dois estados em estudo, e analisar modificações nos níveis gramatical e discursivo do termo. Nesse sentido, foram levantadas as seguintes hipóteses: I. A forma pronominal lhe está passando por um processo de mudanças tanto em nível gramatical quanto em nível discursivo; II. As variações sociolinguísticas existentes entre Paraíba e Rio de Janeiro apontam para uma diferença significativa, discursivamente e gramaticalmente, em relação ao uso e à interpretação do clítico lhe. Essa análise tem respaldo no processo de reinterpretação do clítico lhe, verificado em diversos contextos de falares do PB, com ênfase na região do nordeste, em que há uma difusão do seu

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.454.379

uso fora dos padrões previstos nos compêndios gramaticais. Metodologicamente, o trabalho consiste na pesquisa quantitativa, através da realização de um experimento de leitura automonitorada (selfpaced Reading), a fim de verificar o custo de processamento do pronome lhe como 2^a pessoa do singular e 2SG, e como 3^a pessoa do singular e 3SG, nas formas dativa e acusativa, por falantes do Rio de Janeiro em comparação com falantes da Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

Na avaliação dos objetivos apresentados os mesmos estão coerentes com o propósito do estudo:

Objetivo Primário:

Analisar a influência do fator diatópico no processamento do pronome clítico lhe entre comunidades de fala do PB nas variantes da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Objetivos Secundários:

- a. Verificar se a variação do traço semântico do pronome lhe de 3SG para 2SG ocorre de forma semelhante nos dois Estados analisados;
- b. Verificar se o pronome lhe no contexto discursivo de 2^aSG apresenta traço gramatical de caso dativo ou acusativo;
- c. Verificar se o pronome lhe no contexto discursivo de 3^aSG apresenta traço gramatical de caso dativo ou acusativo;
- d. Verificar se a variação do traço gramatical do pronome lhe de dativo para acusativo ocorre de forma semelhante nos dois Estados analisados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Na avaliação dos riscos e benefícios apresentados estão coerentes com a Resolução 466/2012 CNS, item V "Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graduações variadas. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes.

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.454.379

Riscos:

Esta pesquisa oferece riscos mínimos aos participantes, tendo em vista que envolve a aplicação de um Experimento (teste) on-line sobre Processamento Linguístico de frases e uma pergunta interpretativa ao final de cada frase, que serão feitos pelos participantes mediante o uso de computador próprio no conforto de sua casa. As respostas serão computadas de maneira anônima, isto é, não serão coletadas nenhuma informação de identificação específica. Além disso, vale salientar que as informações a serem obtidas por meio do teste on-line e da pergunta interpretativa serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e somente a equipe diretamente envolvida no estudo terá acesso a esses dados.

Benefícios:

No tocante aos benefícios, a presente pesquisa ajudará a Linguística Brasileira a entender como as pessoas processam mentalmente a leitura e quais fatores podem interferir nesse processo, contribuindo para a construção do conhecimento, para a formação do arcabouço teórico em pesquisas sobre processamento linguístico, e para a universalidade dos estudos experimentais de leitura automonitorada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto apresenta coerência científica, mostrando relevância para a academia, haja vista a ampliação do conhecimento, onde se busca, principalmente, analisar a influência do fator diatópico no processamento do pronome clítico *lhe* entre comunidades de fala do PB nas variantes da Paraíba e do Rio de Janeiro.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de Apresentação Obrigatória, foram anexados tempestivamente.

Recomendações:

RECOMENDAMOS QUE, CASO OCORRA QUALQUER ALTERAÇÃO NO PROJETO (MUDANÇA NO TÍTULO, NA AMOSTRA OU QUALQUER OUTRA), A PESQUISADORA RESPONSÁVEL DEVERÁ SUBMETER EMENDA INFORMANDO TAL(IS) ALTERAÇÃO(ÕES), ANEXANDO OS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS.

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.454.379

RECOMENDAMOS TAMBÉM QUE AO TÉRMINO DA PESQUISA A PESQUISADORA RESPONSÁVEL
ENCAMINHE AO COMITÉ DE ÉTICA PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, RELATÓRIO FINAL E DOCUMENTO DEVOLUTIVO
COMPROVANDO QUE OS DADOS FORAM DIVULGADOS JUNTO À(S) INSTITUIÇÃO(OES) ONDE OS
MESMOS FORAM COLETADOS, AMBOS EM PDF, VIA PLATAFORMA BRASIL, ATRAVÉS DE
NOTIFICAÇÃO, PARA OBTENÇÃO DA CERTIDÃO DEFINITIVA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

TENDO EM VISTA O CUMPRIMENTO DAS PENDÊNCIAS ELENCADAS NO PARECER ANTERIOR E A
NÃO OBSERVÂNCIA DE NENHUM IMPEDIMENTO ÉTICO, SOMOS DE PARECER FAVORÁVEL A
EXECUÇÃO DO PRESENTE PROJETO, DA FORMA COMO SE APRESENTA, SALVO MELHOR JUÍZO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos, que após análise do protocolo de pesquisa enviado por V.Sa. a esse colegiado, não foram detectadas pendências, e portanto, a situação do parecer final do colegiado é APROVADO. Para maiores informações consulte o Parecer Consustanciado do CEP na lista documentos postados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2489959.pdf	24/02/2025 18:25:45		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/02/2025 18:23:56	MILENA MAGALHAES GOMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	24/02/2025 18:20:49	MILENA MAGALHAES GOMES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	07/02/2025 15:57:05	MILENA MAGALHAES GOMES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço:	Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro:	Cidade Universitária
UF: PB	Município: JOAO PESSOA
Telefone:	(83)3216-7791
	CEP: 58.051-900
	Fax: (83)3216-7791
	E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuacao do Parecer: 7.454.379

Necessita Apreciação da CONEP:

JOAO PESSOA, 20 de Março de 2025

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br